

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

WALESKA PIRES FERREIRA

**AS DIFERENTES ABORDAGENS NA COBERTURA DO CASO “80
TIROS” NAS CAPAS DOS JORNAIS EXTRA, MEIA HORA, O DIA E O
GLOBO - UMA ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO**

VOLTA REDONDA

2019

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

AS DIFERENTES ABORDAGENS NA COBERTURA DO CASO “80 TIROS”, NAS CAPAS DOS JORNAIS EXTRA, MEIA HORA, O DIA E O GLOBO - UMA ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do UniFOA como requisito à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aluna:

Waleska Pires Ferreira

Orientador:

Profa. Dra. Claudia Maria Gil Silva

VOLTA REDONDA

2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado ANÁLISE DO DISCURSO NA EDITORIA POLICIAL: CASO 80 TIROS NAS CAPAS DOS JORNAIS EXTRA, MEIA HORA, O DIA E O GLOBO elaborado por Waleska Pires Ferreira apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Jornalismo.

Aprovado em 05 de novembro de 2019.

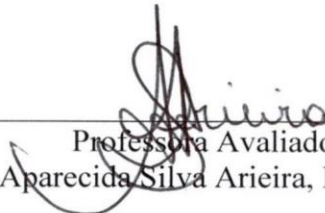
Banca Avaliadora:



Professora Orientadora
Claudia Maria Gil Silva, Doutora – UniFOA



Professora Avaliadora
Rebeca Baltazar Chaves, Mestre – UniFOA



Professora Avaliadora
Angélica Aparecida Silva Arieira, Mestre – UniFOA

Dedico este trabalho a minha família, que me abraçou nos momentos complicados e me incentivou a concluí-lo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Cláudia e Reginaldo, e minha avó materna, Maria Ana, por todo incentivo, apoio afetivo e financeiro. O desejo de deixá-los orgulhosos foi o que mais me fortaleceu durante toda a graduação. A Deus, que esteve presente nos momentos de alegria, incerteza e refúgio, me dando forças para que eu não desistisse. A meu noivo, Roberto, que se manteve firme e paciente ao meu lado nos períodos de esgotamento emocional e me ajudando a buscar soluções para vencer os obstáculos. Ao meu filho, Conrado, por me motivar ainda mais a ser uma ótima pessoa e profissional no desejo de proporcionar a ele o melhor dos futuros, assim como meus pais fizeram comigo. Agradeço também aos meus professores do Ensino Fundamental e Médio, principalmente a Laís Corrêa, que me introduziu no campo da pesquisa e foi fundamental para a formatação desse trabalho. Também a Sônia Xavier, que além de ser responsável por despertar em mim parte da paixão pela Língua Portuguesa me levando ao interesse pelo Jornalismo, também esteve presente diretamente na produção deste trabalho, auxiliando-me com questões da língua. Gratidão aos meus amigos, Bárbara, Luísa, Tawane, Letícia, Filipi e Igor, que estavam constantemente dispostos a

ajudar e fizeram com que esse período se tornasse mais leve. Em especial, ao Igor Altomare que, além disso, compartilhou comigo desde a nossa orientadora a livros úteis para produção desse trabalho. Aproveitando a menção e para encerrar com êxito, gostaria de agradecer à minha orientadora, Claudia Gil, por me inspirar com sua trajetória de vida, aceitar me orientar e fornecer todo o suporte necessário para concluir este trabalho.

“Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.”

(Fernando Pessoa)

RESUMO

O Jornalismo Policial é uma especialização jornalística na qual se dedica, principalmente, à cobertura de crimes e questões a respeito da segurança pública. Entretanto, entende-se que esses assuntos possuem um atrativo e terreno fértil para a superexibição da violência. Um exemplo de pauta do Jornalismo Policial é o caso que ficou nacionalmente conhecido como “80 tiros”, ocorrido no dia 7 de abril de 2019, em que a ação de militares do Exército na Zona Oeste do Rio de Janeiro resultou na morte de 2 pessoas. A quantidade de disparos que os soldados realizaram, direcionado ao carro em que estava uma das vítimas, tornou-se assunto por diversos dias, em vários veículos midiáticos. A presente pesquisa busca realizar um levantamento dos títulos, subtítulos publicados sobre o tema, com vistas a analisar os elementos verbais e não-verbais das manchetes a respeito do caso “80 tiros”, de modo a compreender como se dá a construção dos sentidos pretendidos. Para tanto, selecionamos como material de análise e objeto de estudo as manchetes dos jornais impressos cariocas Extra, Meia Hora, O Dia e O Globo que noticiaram o caso, no período de 8 de abril a 24 de maio de 2019. Nossa hipótese é de que a partir da observação do modo como cada jornal informou o caso e da análise dos recursos linguísticos selecionados por cada repórter é possível identificar as diferentes abordagens sobre o tema e, em decorrência, os diferentes sentidos construídos. Utilizando os conceitos da Análise do Discurso em nosso material de análise, concluímos que tanto os títulos e subtítulos das manchetes, quanto as imagens que se somaram a algumas das manchetes/reportagens selecionadas, têm como objetivo apagar ou evidenciar determinados elementos ou fatos, silenciamento de informações e espetacularização de fatos, de modo a impactar e atrair os leitores.

Palavras-chave: Jornalismo Policial; Análise do Discurso Midiático; Recursos de Linguagem; Modalização.

ABSTRACT

Police Journalism is a journalistic specialization in which it is mainly dedicated to the coverage of crimes and issues regarding public safety. However, it is understood that these issues have an attractive and fertile ground for the overdisplay of violence. An example of Police Journalism's agenda is the case that became nationally known as "80 shots" on April 7, 2019, in which the action of Army military personnel in the West Zone of Rio de Janeiro resulted in the deaths of 2 people. . The number of shots the soldiers fired at the car in which one of the victims was held became a subject for several days in various media outlets. This research seeks to conduct a survey of the titles, subtitles published on the theme, with a view to analyzing the verbal and nonverbal elements of the headlines regarding the "80 shots" case, in order to understand how the construction of the intended meanings occurs. . To this end, we selected as headline and subject matter the headlines of the Rio de Janeiro Extra, Meia Hora, O Dia and O Globo newspapers that reported the case, from April 8 to May 24, 2019. Our hypothesis is that From the observation of the way each newspaper reported the case and the analysis of the linguistic resources selected by each reporter, it is possible to identify the different approaches on the subject and, as a result, the different meanings constructed. Using the concepts of Discourse Analysis in our analysis material, we conclude that both headline titles and subtitles, as well as the images that added to some of the selected headlines / reports, aim to erase or highlight certain elements or facts, silencing information and spectacularization of facts, in order to impact and attract readers.

Keywords: Police Journalism; Media Discourse Analysis; Language resources; Modalization

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DO JORNALISMO A ESPECIALIZAÇÃO POLICIAL	15
2.1. Jornalismo Policial	20
2.2 Sobre o caso “80 tiros”	24
2.3 Breve Histórico dos Jornais	25
3 ANÁLISE DO DISCURSO	29
3.1 Os primeiros passos	29
3.2 Enunciado, texto e discurso	30
3.3 Análise do Discurso de linha Francesa	31
3.3.1 Discurso e Ideologia.....	32
3.4 O Modo Argumentativo de Organização Discursiva	34
3.4.1 Retórica	35
3.4.2 A Argumentação e as estratégias argumentativas	37
3.4.3 Persuasão e Convencimento – Efeitos da Comunicação	39
3.4.4 Topicalização, modalização e seleção lexical	42
4 ANÁLISE DOS TÍTULOS E SUBTÍTULOS	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
6 REFERÊNCIAS	75

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Caderno B, o pioneiro no desenvolvimento de segmentação no jornalismo impresso brasileiro	18
Figura 2: título e subtítulo do jornal Extra publicado dia 8 de abril.....	45
Figura 3: título e subtítulo do jornal Meia Hora publicado dia 8 de abril.....	46
Figura 4: título e subtítulo do jornal O Dia publicado dia 8 de abril.....	47
Figura 5: título e subtítulo do jornal O Globo publicado dia 8 de abril.....	48
Figura 6: título e subtítulo do jornal Extra publicado dia 9 de abril.....	49
Figura 7: título e subtítulo do jornal Meia Hora publicado dia 9 de abril.....	50
Figura 8: título e subtítulo do jornal O Dia publicado dia 9 de abril.....	52
Figura 9: título e subtítulo do jornal O Globo publicado dia 9 de abril.....	54
Figura 10: título e subtítulo do jornal Extra publicado dia 11 de abril.....	55
Figura 11: título e subtítulo do jornal Meia Hora publicado dia 11 de abril.....	57
Figura 12: título e subtítulo do jornal O Dia publicado dia 11 de abril.....	58
Figura 13: título e subtítulo do jornal O Globo publicado dia 11 de abril.....	59
Figura 14: título e subtítulo do jornal Extra publicado dia 13 de abril.....	60
Figura 15: título e subtítulo do jornal O Dia publicado dia 13 de abril.....	61
Figura 16: título e subtítulo do jornal O Globo publicado dia 13 de abril.....	62
Figura 17: título e subtítulo do jornal Extra publicado dia 19 de abril.....	63
Figura 18: título e subtítulo do jornal Meia Hora publicado dia 19 de abril.....	65
Figura 19: título e subtítulo do jornal O Dia publicado dia 19 de abril.....	66
Figura 20: título e subtítulo do jornal O Globo publicado dia 19 de abril.....	68
Figura 21: título e subtítulo do jornal Extra publicado dia 24 de maio.....	70
Figura 22: título e subtítulo do jornal O Dia publicado dia 24 de maio.....	71
Figura 23: título e subtítulo do jornal Extra publicado dia 24 de maio.....	72

1 INTRODUÇÃO

O Jornalismo Policial possui como temática central o crime. A editoria tem o propósito de cobrir pautas sobre sequestros, roubos, homicídios e outros delitos previstos no Código Penal. Alguns autores acreditam que seja possível fomentar a criminalidade tratando os atos criminosos ou ilegais com futilidade, insignificância e sensacionalismo, transformando os transgressores em celebridades, ou seja, a imprensa possui um claro compromisso social, mas agindo de maneira insensata, pode estimular a violência.

Em contrapartida, há teóricos que apontam que culpar os veículos de comunicação pelas mazelas sociais é uma forma de diminuir responsabilidades que envolvem questões políticas maiores e que a mídia tem a função de, unicamente, destacar a violência e não impulsioná-la. O sensacionalismo pode, por conseguinte, ser um ingrediente especial do Jornalismo Policial e se tornar uma recurso que visa a emocionar ou escandalizar o público, seja no conteúdo, na forma da construção do discurso ou na diagramação.

Notícias e reportagens têm, independentemente do modo como são apresentadas nos veículos sociais, o objetivo de persuadir o público e delineiam, portanto, o fazer jornalístico. Mais emocionais ou mais objetivos, o texto jornalístico se torna uma fonte de pesquisa riquíssima, quando se pretende explorar a língua e seus recursos.

Decidimos, então, realizar nossa pesquisa com o objetivo de analisar os textos verbais – nos títulos e subtítulos – e não verbais, nas notícias veiculadas nos jornais impressos Extra, Meia Hora, O Dia e O Globo, no período de 8 de abril a 24 de maio de 2019, que tratam do caso que ficou conhecido, nacionalmente, como “80 tiros”, de modo a observamos os recursos linguísticos utilizados por cada um dos jornais, as estratégias argumentativas utilizadas e a forma como o texto não verbal age como função apelativa e ratificadora dessas manchetes.

O fato a que nos referimos ocorreu na tarde do dia 7 de abril de 2019, nas imediações do Piscinão de Deodoro, em Guadalupe, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, quando militares do Exército dispararam tiros em um carro de passeio, cujos assentos

estavam todos ocupados. Tal ação, que contou com oitenta disparos vindos das armas de fogo dos militares do Exército, culminou na morte do músico Evaldo dos Santos Rosa e, após 12 dias, do catador de latas Luciano Macedo.

Para verificar as diferentes abordagens que podem surgir nos textos do Jornalismo Policial, recorreremos às teorias da Análise do Discurso (AD), de linha francesa, de modo a comprovar a não neutralidade discursiva, ratificando o fato de que todo enunciado é dotado de (in)determinada ideologia, uma vez que as escolhas das palavras e do modo de dispô-las no texto demonstram o posicionamento do enunciatador sobre a direção que quer conduzir seu interlocutor.

Trataremos da modalização discursiva como um recurso que possibilita ao jornalista a inserção de outros enunciatadores, ou seja, outras vozes que constroem a heterogeneidade da notícia, a fim de demonstrar que o gênero discursivo notícia se caracteriza, entre outros fatores, pela utilização da polifonia enunciativa, que, algumas vezes, se dá pelo discurso direto e, outras, atenuada pelos verbos dicendi, mas sempre agindo ou como ratificadora da notícia, ou também como opositora a algumas versões. E a fim de realizar uma análise mais efetiva e possibilitar maior compreensão do tema, realizamos um levantamento teórico a respeito das definições de jornalismo e sua segmentação policial.

Para dar conta de nossa proposta, três capítulos constituirão o desenvolvimento da presente pesquisa. No capítulo inicial buscaremos traçar as características e princípios jornalísticos, o processo de surgimento das respectivas especializações e o que muda em relação ao jornalismo tradicional. O Jornalismo Policial ganha espaço, nesse momento, uma vez que se trata do nosso foco de análise. Em uma subseção do capítulo um, dedicar-nos-emos a relatar, brevemente, o caso “80 tiros”, considerando que ele se enquadra na editoria policial por se tratar de um crime. Adotaremos, ainda, outra subseção para traçar um breve histórico dos jornais impressos selecionados para a análise.

O segundo capítulo será dedicado ao aprofundamento dos estudos sobre as referências teóricas que nortearão nossa análise. Num primeiro momento introduziremos conceituações fundamentais sobre as teorias da Análise do Discurso (AD), partindo do pressuposto de que “a linguagem é um objeto não transparente”

(CHARAUDEAU, 2008, p. 17), mas sim o resultado de intencionalidades de emissor e receptor e que exige, portanto, um controle social em que ficam claras as posições sociais, institucionais e ideológicas dos interlocutores e as condições que cada um ocupa e compartilha no espaço discursivo.

Para os estudos da argumentação, torna-se imprescindível discernir e selecionar elementos persuasores, que fornecem ao enunciador os argumentos para demonstrar a verdade ou o que parecer ser a verdade que ele deseja simular e observar a ocorrência dos fatos linguísticos de maior e menor incidência a fim de identificar as estratégias discursivas a que se recorrem e que contribuem para que a persuasão se inscreva no discurso e se constitua prova determinante para a argumentação e alcancem a credibilidade desejada. Apontaremos, portanto, como se dá a argumentação e a sua relevância para a promoção da imagem que se deseja construir.

Para finalizar, o terceiro e último capítulo consiste na realização da análise dos títulos e subtítulos das matérias divulgadas nos jornais impressos Extra, Meia Hora, O Dia e O Globo, no período de 8 de abril a 24 de maio de 2019, a respeito do caso “80 tiros”, a fim de que possamos atingir os objetivos propostos e responder às questões levantadas neste trabalho.

2 DO JORNALISMO A ESPECIALIZAÇÃO POLICIAL

De acordo com Vera França, o fazer jornalístico “nasce da pulsão de falar o mundo, falar o outro, falar ao outro; da atração pela diferença, pela novidade, pelo distante; do enraizamento no mesmo, no próximo e em si que marcam a palavra humana desde sempre.” (FRANÇA, 1998, p. 26). Entendemos, portanto, o jornalista como um elemento de representação da sociedade, cuja função social se concentra, principalmente, em informar e instituir, em decorrência, o debate público sobre as questões atuais que afetam toda a sociedade.

Quando incorporada à mídia, essa ação comunicativa de informar deve se fundamentar em alguns critérios específicos, como contemporaneidade (os fatos devem ser atuais), veracidade e universalidade (deve ser do interesse da maioria das pessoas) (FLORESTA; BRASLAUSKAS, 2009). De acordo com Cleide Floresta e Lígia Braslauskas (2009), a verdade é característica imprescindível para um texto ser considerado notícia, entretanto, há, ao mesmo tempo, uma impossibilidade de se decalcar a verdade, uma vez que ela é relativa, ou seja, depende dos valores e angulações de quem a conta, dos variados modos de se contar uma história. Sendo assim,

É a verossimilhança, assim, que garante, se não a verdade, o “efeito de verdade” necessário à veracidade atribuída a essa prática. O texto é verossímil quando apresenta argumentos e provas suficientes para a manutenção da credibilidade do leitor em relação às informações expostas pelo veículo de comunicação (NASCIMENTO, 2009, p. 73).

Assim, o texto jornalístico, para dar esse “efeito de verdade”, faz referência à realidade da maneira mais precisa possível, pois o valor de verdade depende da exatidão e rigor com que a notícia é veiculada, transmitida. Por exemplo, para garantir credibilidade ao texto, utiliza-se “a hora exata do atropelamento, a placa do carro, o nome inteiro das pessoas, o número do túmulo.” (LAGE, 2001, p. 42)., pois essas informações contribuem para a verossimilhança da história.

Segundo Floresta e Braslauskas (2009), a notícia deve ser entendida em sua totalidade pelo leitor e, para isso, é importante que este se mantenha seduzido por toda a notícia, o que só é possível quando o repórter elabora um texto de qualidade e, conseqüentemente, de fácil apreensão .

Há outras características que o texto jornalístico deve conter: parágrafos curtos e divididos em períodos; palavras fáceis para compreensão de um maior número de pessoas; explicação de termos técnicos quando usados; sínteses linguísticas; significado de siglas; marcas de 3º pessoas; multiplicidade de fontes; presença de lide. (FLORESTA; BRASLAUSKAS, 2009).

De acordo com Nelson Traquina (2004), ao contrário da prática jornalística europeia, um dos principais ideais morais do jornalismo brasileiro é a objetividade, em consonância com o modelo de redação americano. Para Schudson, existe uma “norma de objetividade” que ajuda no momento de noticiar somente os fatos, pois é capaz de guiar o repórter a diferenciá-los de suas crenças e juízos. Na análise de conteúdo dos textos jornalísticos sua presença pode ser reconhecida e, assim, será possível identificar o grau de impessoalidade e imparcialidade das notícias (SCHUDSON, 2014).

Podemos afirmar, em decorrência e amparadas por Nascimento, que apesar da virtude objetiva das redações jornalísticas, as marcas subjetivas do texto não são excluídas, pois concordamos que a diferença entre o objetivo e subjetivo está

Por um lado, em priorizar a informação (os “acontecimentos do mundo”), e, por outro, marcar a postura do jornalista, ou da empresa jornalística, diante da informação. No entanto, tal distinção não pode ser pensada em termos absolutos, dada a sua impossibilidade: claro está que não é o fato (“como ele é”) que transborda das páginas de jornais e revistas; é a um relato do fato que o leitor tem acesso (uma representação, portanto). (NASCIMENTO, 2009, p. 103).

Ou seja, é impossível contar o fato como exatamente ocorreu, o que chega no receptor é uma reprodução daquilo que foi apurado.

Segundo o autor (*idem*, p. 73), o jornalismo “deve se valer de um texto enxuto e rico de conteúdo referencial”, ou seja, o foco é no que ocorreu e nas informações concretas, sem adjetivações. Arbex Jr. (2001) lembra que há muito os veículos de comunicação buscam comprovar essa capacidade de serem espelhos do real, aqueles que constroem o texto de formar clara, objetiva e verídica. (ARBEX JR, 2001).

Um recurso que colabora para atingirmos a objetividade e simplicidade que se busca nos diversos gêneros do domínio discursivo é o lide - estratégia textual que acabou se firmando como uma das particularidades da notícia. Ele é usado como o

primeiro parágrafo e deve conter as respostas das seguintes perguntas: Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê? Vale ressaltar que não obrigatoriamente as seis perguntas serão respondidas no mesmo parágrafo, muitas vezes o “porquê” e o “como” estão no decorrer da notícia.

Na especialização jornalística as características mencionadas não são diferentes. Entretanto, Bueno (2015) aponta para cuidados complementares nessa prática como, por exemplo, na utilização de fontes especializadas: é necessário que os repórteres avaliem o condicionamento e interesses dos profissionais entrevistados que, por vezes, podem não estar em consonância somente com a opinião pública. Além disso, há a necessidade da multiplicidade de fontes, para assim instalar um embate de ideias, um confronto de opiniões e evitar que determinado entrevistado direcione a pauta para seu interesse.

Em muitos casos, em virtude de interesses ou olhares específicos dos entrevistados, a pauta acaba se tornando viesada, quando não absolutamente comprometida. Investir na pluralidade das fontes representa esforço importante no sentido de oxigenar as pautas, impedindo que sejam sufocadas pelo tom categórico, arrogante, de determinadas fontes que se julgam donas da verdade e que, a princípio, gostariam de estar sozinhas em certas reportagens para não ter que dividir com seus pares o protagonismo das matérias jornalísticas (BUENO, 2015, p. 289).

Ainda no âmbito das fontes, o autor destaca que o repórter especializado não deve reproduzir exatamente o que a fonte diz, mas encadear, organizar e contextualizar de acordo com as dimensões de sua pauta. Dessa forma, deve-se partir para além das fontes, “incorporando a experiência, as intenções, as visões sobre o mundo e sobre o objeto da pauta dos profissionais de imprensa.” (*ibidem*, p. 291).

Para Bueno (2015) a especialização jornalística é gerada a partir de um processo acelerado de segmentação, que envolve conteúdos e públicos em uma construção de discursos contendo, por exemplo, jargões e termos técnicos relacionados a certo campo de conhecimento. Uma vez estando relacionado com o público, o jornalista especializado deve sempre entender e valorizar o perfil da audiência, procurando harmonizar o conteúdo com o conhecimento e personalidade dos receptores.

O processo de segmentação mencionado por Bueno é defendido por Abiahy (2000) como o resultado da globalização – ainda que esse modelo tenha gerado uma

homogeneização dos padrões culturais, as corporações econômicas começaram a enxergar o surgimento de uma audiência diversificada e, então, investiram na segmentação dos mercados.

A especialização jornalística só veio a ser considerada madura e definitiva depois da segunda metade do século 20, ainda que sua manifestação seja anterior e com diversas iniciativas por todo o mundo. No início do século 19, por exemplo, os primeiros jornais brasileiros que trouxeram artigos especializados foram A Gazeta do Rio de Janeiro, O Patriota, Miscelanea Scientifica, Minerva Brasiliense e Nictheroy – cujo tema, inicialmente, consistia em ciência e tecnologia (BUENO, 2015).

Para Rafael Souza Silva (2007) o Jornal do Brasil foi responsável por iniciar o desenvolvimento da segmentação nos meios de comunicação diários do Brasil: em 1960, lançou um suplemento exclusivo para a cultura, intitulado de “*Caderno B*” (figura 1), cuja iniciativa influenciou outras publicações a seguirem o mesmo padrão do jornal carioca.

Figura 1: Caderno B, o pioneiro no desenvolvimento de segmentação no jornalismo impresso brasileiro



Fonte: <https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19920626&printsec=frontpage&hl=pt-BR>

O crescimento da especialização se concretizou a partir do interesse mercadológico e da aceitação dessas publicações segmentadas por parte do público que tinha uma carência em possuir “um fator de união e de identificação entre si”.

As grandes corporações se unem para utilizarem todos os meios disponíveis e, assim, oferecerem uma multiplicidade de conteúdos. É um processo esquizofrênico, como destaca Renato Ortiz, que só pode ser compreendido dentro dessa lógica de aliança entre a fragmentação e a concentração. O consumidor (palavra que substitui o indivíduo no lema das corporações econômicas) pode escolher o produto cultural com o qual mais se identifica, mas o lucro irá, provavelmente para o mesmo produtor. (ABIAHY, 2000, p.4).

A palavra “segmentação” de forma usual e cotidiana é compreendida como separação, seção, divisão, setor, entre outros significados. Para o jornalismo impresso é “entendida como a qualidade básica de informação e justaposição de conteúdos de uma publicação que tem por objetivo principal atender às necessidades de uma fatia específica do mercado.” (SOUZA SILVA, 2007, p. 24), pois além de dar importância a temas que antes eram ignorados ou tidos com menor “valor-notícia”¹, a especialização da atividade jornalística favorece à qualidade da cobertura e ao compromisso com a cidadania ao colaborar, por exemplo, em exteriorizar várias e diferentes opiniões presentes na sociedade.

Vale ressaltar aqui que, segundo Frederico de Mello Brandão Tavares (2009), a especialização pode acontecer a partir de três seguintes formas:

Pode estar associada a meios de comunicação específicos (jornalismo televisivo, radiofônico, ciberjornalismo etc) e 2) a temas (jornalismo econômico, ambiental, esportivo etc), ou pode estar associada 3) aos produtos resultantes da junção de ambos (jornalismo esportivo radiofônico, jornalismo cultural impresso etc) (idem, p. 115).

A especialização pelos temas mostra, indiretamente, questões de consumo, de método e de linguagem. Erbolato (1981) diz compreender por Jornalismo Especializado “as secções ou páginas diversas de um matutino ou vespertino” (p. 11), deixando a revista em um outro tipo de jornalismo. Lage (2005) denomina as editorias como divisões das áreas de atividade de interesse jornalístico dentro do jornal. Enfim,

¹ De acordo com Nelson Traquina (2004, p. 63), “valor-notícia” se relaciona com os critérios de noticiabilidade, no qual é o “conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia”. Ou seja, o valor-notícia é um dos critérios que determinam se um fato é susceptível para se tornar notícia.

Lustosa (1996, p. 109) aponta a especialização jornalística “como uma consequência lógica da divisão do trabalho nos veículos de comunicação.”

Maurice Mouillaud (2002) alerta, entretanto, que a notícia no jornal impresso, uma vez instalada na composição de seções, como Erlobato menciona, pode se tornar banal, ou seja, perder o caráter de informação nova. Ele explica que o leitor ao identificar o ajustamento da notícia em determinada editoria, já subentende a informação antes de lê-la, devido às características já conhecidas de determinada temática. Nóra (2007, p. 6) aponta outras consequências resultantes dessa expansão de segmentações de assuntos e audiência que são os “danos sociais causados pela descontextualização de fatos e informações, pela ausência de relações entre as diversas áreas temáticas, pela falta de entrosamento entre as diferentes editorias...”.

Nos jornais impressos, há um grupo de termos fixos que é composto por editorias, seções, colunas e cadernos de suplementos – que podem variar de acordo com o veículo e o dia. Dentre eles, podemos destacar as editorias de: “política”, especialização responsável pela cobertura de notícias a respeito dos governos, dos poderes legislativo e judiciário, além de noticiar o dia a dia em Brasília e casos de corrupção; “esportivo”, pode noticiar qualquer temática que interesse a sociedade e envolva o esporte; “científico”, basicamente dedicado à cobertura de tecnologia e ciência; “cultural”, especialização principalmente relacionada às “expressões artísticas ligadas ao cinema, artes plásticas, teatro, música, moda e gastronomia.” (SWAN, 2012, p. 91) e a editoria “policial”, foco de nossa pesquisa:

2.1.Jornalismo Policial

Antes da notícia policial ser objetiva contando com fontes, laudos e depoimentos, no limite dos anos 60, a crônica policial se estabelecia, sem a menor preocupação com uma boa apuração e dispondo de personagens como “feras” e “vampiros” apresentado pelos noticiários como homens amedrontadores. Nas décadas de 70 e 80 as fontes começaram a ter importância, principalmente os testemunhos dos envolvidos e, por isso, uma relação íntima entre a polícia e o jornalismo foi construída. Entretanto, para as informações serem obtidas, por vezes, os policiais tinham de optar por métodos como a tortura, chantagem ou extorsão. Boa

parcela dos jornalistas, portanto, discordaram de tal posicionamento da polícia e começaram a delatar a ação e esta foi então uma das primeiras e principais pautas (RODRIGUES, 2002).

Segundo Michel Foucault (1987), o noticiário policial vem há mais de um século contando e colecionando histórias de crimes em que a delinquência é assunto principal. Luís Amaral (1978, p. 93) afina o conceito afirmando que é “uma especialidade jornalística que apresenta cobertura de fatos criminosos ocorridos na sociedade, transgressões de regras e acontecimentos estranhos, tendo como objetivo constituir um serviço público para a população”. Negreiros (2016, p.4) resume a definição: “especialização do profissional que atua na área jornalística em fatos concernentes a crimes e infrações penais; a segurança pública, de um modo geral”.

Vargas (2012) destaca que os jornalistas desta editoria, que trabalham na cobertura de sequestros, roubos, homicídios, dentre outras infrações submetidas no código penal, devem atuar com cautela, pois é necessária uma apuração de qualidade, uma vez que acusar pessoas, que por vezes são inocentes, pode acarretar consequências legais tanto para o jornalista quanto para o acusado. Além disso, Marco Antônio Zanfra (2007), no seu “Manual do Repórter de Polícia”, alerta para a necessidade de os jornalistas conhecerem, com minuciosidade, assuntos que envolvam os temas do jornalismo policial, como a diferença entre roubo e furto, rapto e sequestro, além de saber especificar os crimes mais comuns e conhecidos, podendo, inclusive, revelar as consequências legais.

Assim como em qualquer tipo de jornalismo, é essencial gozar de fontes honestas em que se pode confiar na veracidade da informação (VARGAS, 2012), entretanto, na especialização jornalística em casos de polícia, usufrui-se de declarações de fontes em abundância a fim de suprir a falta de uma apuração profunda sobre o fato e, também, uma forma do repórter se preservar de qualquer responsabilidade legal sobre algo que está registrado, alerta Davi Romão (2013, p. 35). Geralmente, a estratégia é “várias pessoas reafirmando certa versão fortalece a impressão de que se trata da versão verdadeira. E ainda, por muitas vezes estar fazendo uso da voz de entrevistados, o repórter se exime da responsabilidade por aquilo que está sendo transmitido.”

Segundo Vargas (2012), a linguagem característica do jornalismo policial deve ser clara e informal, pode contar com expressões coloquiais, gírias, jargões, vocábulos de cunho “proibido”, por exemplo. Ernesto Rodrigues (2002, p. 82) afirma que esse tipo de texto “tem de ser direto, cortante, enxuto e substantivo”, o oposto disso, como os recursos literários, são dispensados, uma vez que os assuntos já são fortes, surpreendentes e trágicos, naturalmente. No momento em que se é relatado o crime, tanto em texto quanto em foto, devemos atentar, também, por respeitar a sensibilidade dos leitores, ou seja, evitar o mórbido.

Em *Vigiar e Punir*, Michel Foucault (1987, p. 313) nos chama atenção para a função da notícia policial: a recorrência de matérias que apresentam os “controles judiciais e policiais que vigiam a sociedade” mostra para a população que o inimigo precisa ser combatido e que é conveniente esses controles, além de provocar a insignificância e despreocupação para essas pautas devido a constante relevância que é sempre lhe dada. Ele expõe ainda que

A delinqüência aparece como muito familiar e, ao mesmo tempo, totalmente estranha, uma perpétua ameaça para a vida cotidiana, mas extremamente longínqua por sua origem, pelo que a move, pelo meio onde se mostra, cotidiana e exótica. Pela importância que lhe é dada e o fausto discursivo de que se acompanha, traça-se em torno dela uma linha que, ao exaltá-la, põe-na à parte.

Davi Romão (2013, p. 45) evidencia qual a visão do mundo que pode ser expressa por essa especialização:

Nossa realidade social é extremamente perigosa e esse perigo tem como causa a falta de caráter de certas pessoas, que acabam optando pelo banditismo. Para nos protegemos disso, são necessárias leis mais rigorosas, além de fiscalização e policiamento mais intensivos. No entanto, apenas isso não basta, a sociedade também tem o direito de violentar aqueles que a violentaram de antemão [...] O Jornalismo Policial constrói a ideia de que nossa realidade social é extremamente insegura, criando uma atmosfera de medo e ameaça constante. Essa realidade hostil, no entanto, é apresentada de forma completamente simplista e maniqueísta, pois a origem dos problemas sociais apresentados é sempre reduzida à falta de caráter e responsabilidade dos criminosos envolvidos.

A partir da conjuntura apresentada pelos autores Romão e Foucault entende-se que devemos ter atenção quando nos deparamos com um recurso que pode ser utilizado nas diversas especializações existentes no jornalismo: o sensacionalismo – porque com sua utilização há uma possível distorção da realidade, como afirma Letícia Cantarela Matheus (2011). Ela aponta também que a palavra sensacionalismo, por

meio da cobertura policial, passou a designar o fazer jornalístico que prefere a superexibição da violência. Queiroz (2009) assegura que esta violência está estampada nas capas dos jornais, cotidianamente, e, incorporado nela, por vezes, está um apelo incomum – devido ao atrativo e terreno fértil que esse tipo de fato carrega ocasionado pelo “excesso de sangue”.

O sensacionalismo, para Angrimani (1995, p. 15), “extraí do fato, da notícia, sua forma emotiva e apelativa e a enaltece. Fabrica uma nova notícia que a partir daí passa a se vender por si mesmo”. Aires e Rosenzweig (2015) revelam que quando noticiado um crime com sensacionalismo a brutalidade é preterida, há um exagero no acontecimento, prioriza-se a assistência, o apoio e a solicitude.

Esse exagero pode estar expresso no tema (no conteúdo), na forma do texto e na apresentação visual (diagramação) da notícia. O apelo pode conter objetivos políticos (mobilizar a opinião pública para determinar atitudes ou pontos de vista) ou comerciais (aumentar a tiragem do jornal). É ainda qualquer manifestação literária, artística que explore sensações fortes, escândalos ou temas chocantes, para atrair a atenção do público. (AIRES; ROSENZWEIG, 2015, p. 3)

A mídia está vinculada com os números de audiência desde o século passado e a partir de então utiliza-se de conteúdos com potencial de escandalizar ou emocionar (PACHECO *apud* COMASSETTO, 2005). O problema é que esta utilização indiscriminada de meios desvinculantes da notícia para dramatizar ou impactar os receptores foge dos princípios jornalísticos propostos pelos manuais de redação. Temos, pois, a dualidade no fazer jornalístico quando utilizado o sensacionalismo, evidenciada por José Neto de Queiroz (2009).

Esse entendimento sobre objetividade que estamos defendendo na apuração da notícia se opõe aos procedimentos que desembocam na notícia sensacionalista e sua necessidade de uso de lente de aumento. Na objetividade dos manuais de redação, seu foco não é o contexto, nem um método de verificação. Na notícia sensacionalista, a mira se volta para eventos isolados dentro da história, que ofereçam maior carga de emoção e que serão explorados em detrimento de informações que mereciam ser apuradas e que ofereceriam maior entendimento do contexto da notícia e maior possibilidade do leitor conhecer o fato sobre um ângulo mais aberto. A regra fechada dos manuais e o sensacionalismo confrontam-se com esta objetividade reflexiva (*ibidem*, p. 33).

Uma possível solução para tal questão proposta por Queiroz é pensar no tipo de leitor que ele quer formar: “leitor-cidadão” ou “leitor-consumidor”. Aquele, trata-se do leitor crítico, ciente de seus direitos e deveres, o jornalista, portanto, deve ter a preocupação com o senso-crítico e a promoção de uma reflexão aos cidadãos. Já,

este, refere-se ao que deseja a notícia direta e rápida, focando apenas nas manchetes e pouco no lide, por isso as coberturas policiais podem continuar se preocupando mais com as manchetes e a vendagem de mais jornais.

Por fim, um exemplo de pauta do jornalismo policial é o caso “80 tiros”, que esteve presente por diversos dias nas manchetes dos principais jornais do país e constitui o objeto de análise deste trabalho.

2.2 Sobre o caso “80 tiros”

Na tarde de domingo do dia 7 de abril de 2019, 12 militares do exército estiveram envolvidos em uma ação de patrulhamento que resultou na morte dos civis Evaldo Rosa dos Santos e Luciano Macedo. A ação ocorreu na área da Vila Militar em Guadalupe, na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Os militares dispararam mais de 80 tiros contra o carro de uma família que estava indo para um chá de bebê. No veículo, estavam o músico Evaldo, a mulher dele, o filho de ambos de 7 anos, uma afilhada do casal, de 13, além do sogro do músico, Sérgio Gonçalves de Araújo, de 59 anos. Evaldo morreu na hora e Sérgio foi baleado nos glúteos. Além deles, Luciano Macedo, de 27 anos, que foi tentar ajudar a família, foi baleado e após 11 dias internado, veio a óbito.

Ainda no domingo, dia da ação, o Comando Militar do Leste (CML) publicou uma nota afirmando que os militares haviam se deparado com um assalto em andamento e que os criminosos abriram fogo, portanto, segundo o CML, os agentes reagiram "a uma agressão oriunda de criminosos a bordo de um veículo" ao desferirem os tiros. De acordo com o portal de notícias G1, em um boletim de ocorrência registrado na 30ª DP (Marechal Hermes), houve a denúncia de um assalto realizado por cinco homens em um sedã branco (mesmo carro da família), por volta das 14h (meia hora antes do ocorrido), na mesma região.

Na manhã do dia seguinte à ação dos militares, o CML atualizou a nota informando que foram identificadas inconsistências nos fatos reportados inicialmente e, portanto, “foi determinado o afastamento imediato dos militares envolvidos”. Mais tarde, no mesmo dia, foi decretada a prisão em flagrante de 10 dos 12 militares

ouvidos, devido ao descumprimento de regras de engajamento. No dia 10 de abril ocorreu a audiência de custódia relativa à prisão em flagrante dos dez militares, em que foi decidida a prisão preventiva de nove desses militares.

No velório, quatro dias após o ocorrido, parentes e amigos do músico Evaldo Rosa dos Santos realizaram um protesto com tinta vermelha (para parecer sangue) em bandeiras do Brasil, pedindo justiça. No mesmo dia, o Ministro da Defesa Fernando Silva afirmou que “foi um acidente lamentável, triste, mas foi um fato isolado no contexto das operações que os militares brasileiros foram envolvidos até agora” e o Ministro da Justiça Sérgio Moro defendeu a tese de que o incidente seria “injustificável em qualquer espécie” e que as pessoas precisam ser punidas. O Presidente Jair Messias Bolsonaro também se manifestou sobre o caso durante a inauguração de um aeroporto em Macapá (AP): “o Exército é do povo, e não pode acusar o povo de ser assassino, não. Houve um incidente, uma morte”.

Depois de um pouco mais de um mês e meio, no dia 23 de maio, os ministros do Superior Tribunal Militar (STM) decidiram libertar os nove militares que estavam presos. O STM é composto por 15 ministros, mas 14 julgaram o caso. O presidente não votou. Do total, 11 ministros votaram pela liberdade do grupo.

2.3 Breve Histórico dos Jornais

Em virtude de o caso “80 tiros” ter ocorrido no Rio de Janeiro, para esta pesquisa buscou-se selecionar os quatro jornais mais populares do Estado, são eles: Extra, Meia Hora, O Dia e O Globo², por esse motivo, iremos traçar um breve histórico dos jornais que nos servirão fonte de pesquisa do *corpus*.

O jornal O Globo teve início em julho de 1925, após o fundador Irineu Marinho ter deixado a diretoria do periódico A Noite³. O nome foi proposto pelo jornalista Elói Pontes e consagrado por meio de concurso popular. Surgiu com o objetivo de modificar os padrões dominantes da imprensa do Rio de Janeiro, declarando-se totalmente independente, sem intervenção de força externa, como ligação com

² Dado retirado do Instituto Verificador de Comunicação (IVC)

³ A Noite foi um jornal vespertino também fundado por Irineu Marinho em 18 de junho de 1911.

governos ou empresas. Atualmente, é comandado pelo Infoglobo Comunicações e Participações S.A – que também é responsável pelos jornais Extra, Diário de São Paulo, Expresso, Globo Online e a Agência O Globo.

O jornal tem formato standard⁴ e sua circulação é de segunda a domingo, sendo 286.944 exemplares nos dias úteis e 352.516 exemplares aos domingos. De acordo com o Infoglobo, é “líder absoluto das classes A e B” e possui aproximadamente 1.194.000 leitores⁵.

Também comandado pelo grupo de empresas da Infoglobo Comunicações e Participações S.A, o jornal Extra é um impresso em formato tabloide⁶, que teve sua primeira edição lançada no dia 5 de abril de 1998. Segundo o Infoglobo, foi originado a partir da ideia de criar um veículo que pudesse estar mais próximo do público, por meio de um preço acessível e linguagem simples, de modo que ajudasse seu público alvo – as classes B e C – a entender sua realidade. O jornal permite uma relação de interatividade com o leitor, podendo ser observado no slogan da publicação, “Extra, o jornal que você escolheu”. Tanto o slogan, quanto o nome do tabloide foram escolhidos por meio de uma promoção, que remetia à campanha de marketing de lançamento. Atualmente, publicação do jornal é de segunda e domingo, sendo 88.150 exemplares nos dias úteis e 157.188 exemplares nos domingos⁷.

A empresa que administra esses dois jornais afirma que através desses produtos, tem o objetivo de

Apurar o fato, oferecendo aos seus leitores a informação mais completa, sempre com a preocupação de adequar a linguagem ao público a que se destina. Além de esclarecer o que acontece de mais importante no Brasil e no mundo, os produtos da Infoglobo também são uma ferramenta de acesso ao melhor do entretenimento e da cultura. A Infoglobo tem muito orgulho desse papel e trabalha com o compromisso de levar jornalismo sério e isento à população.⁸

⁴ O termo Standard é usado para designar o formato de jornal maior que os demais, possuindo em torno de 55cm.

⁵ Informações obtidas no site do Infoglobo, disponível em: <https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=91>

⁶ O termo tabloide é um formato de jornal onde cada página mede aproximadamente 33 x 28 cm.

⁷ Informações obtidas no site do Infoglobo, disponível em: <https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=92>

⁸ Informações obtidas no site do Infoglobo, disponível em: < <https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/institucional.aspx>>

Em 2011 o conglomerado publicou um documento com o nome de Princípios Editoriais das Organizações Globo, cujo objetivo é explicitar o que é imprescindível ao exercício da prática jornalística, de modo que cada produto do Infoglobo possa “atualizar ou construir os seus manuais, consideradas as especificidades de cada um”.

Ao procurarmos os manuais específicos de cada veículo (Extra e O Globo) encontramos o mesmo documento que pauta o que é imprescindível à prática jornalística, mas sem uma especificidade de cada jornal. Segundo o site do Grupo Globo, de modo geral, as matérias produzidas pelos produtos das Organizações Globo devem se pautar na “informação jornalística que seja isenta, correta e prestada com rapidez”, mesmo que, segundo o Grupo Globo, seja impossível 100% de isenção. Por isso, é necessário que “haja um esforço consciente do veículo e de seus profissionais” buscando, por exemplo, retratar os diversos ângulos que cercam o fato noticiado de forma que o contraditório seja sempre considerado.

O Dia é um jornal diário, matutino, fundado em 5 de junho de 1951, lançado no último governo de Getúlio Vargas, por Antônio de Pádua Chagas Freitas. Como órgão de propriedade exclusiva de Chagas Freitas, o jornal foi originado com o objetivo de ampliar o prestígio do político na capital federal. Em 1954, quando completou três anos de existência, O Dia se dedicava, principalmente, aos problemas do Grande Rio, denunciando, por exemplo, os preços altos dos produtos básicos e sobre a violência na cidade. Em 1983, último ano de Chagas Freitas na Presidência, o jornal muda de liderança e com isso a linha editorial reforçou um caráter mais “popular”.

Esporte, mulheres seminuas e coberturas policiais ganham destaque no periódico. No ano de 1990 o jornal muda o foco e passa a dar preferência a notícias sobre política. Depois de mais de cinquenta anos no formato standard (desde a fundação, em 1951), o jornal O Dia deu início em março de 2009 a uma nova estratégia para se reposicionar, passando a circular em formato tabloide. Comandado atualmente pelo presidente Daniel Alva, o jornal pertence ao grupo O Dia, que circula de segunda a domingo e possui como público-alvo, principalmente, as classes B e C (BASTOS; LEAL; SANDRONI, 2009).

Em 2005, com O Dia migrando para outros nichos de consumo e público, o jornal diário Meia Hora é lançado para ocupar a lacuna deixada pela mudança de linha

editorial de O Dia e se torna seu sucessor imediato, estabelecendo-se com os mesmos conceitos sobre os seus desejos e necessidades (VALENTIM, 2016). Em sua própria página do Facebook, o jornal se caracteriza como um “tabloide de notícias populares publicado no Rio de Janeiro”; tendo como missão: “fornecer informação com pitadas de humor num jornal fácil de ler”. A publicação, que circula de segunda a domingo, tem o objetivo de atingir leitores de baixa escolaridade e as classes C e D.

Em nossas pesquisas não encontramos fontes que pudessem nos fornecer nem os números de exemplares vendidos e seus respectivos leitores, nem os princípios editoriais dos produtos do Grupo O Dia.

3 ANÁLISE DO DISCURSO

A prática jornalística consiste na elaboração de discursos com efeitos de sentidos e, portanto, relevante o estudo desse gênero discursivo sob a perspectiva teórica da Análise do Discurso, especificamente, de linha francesa. Neste capítulo, apresentaremos o que consideramos essencial dessa teoria, sua relação com a argumentação, de modo que possamos fundamentar as análises que pretendemos realizar.

3.1 Os primeiros passos

Os estudiosos há muito vêm buscando compreender a complexidade do fenômeno linguístico. Segundo Margarida Petter (2007), o interesse que o homem possui sobre si mesmo nasceu da percepção do que é permitido fazer, como nomear, alterar a realidade, compartilhar experiências e contar histórias. Para ela, “a linguagem verbal é, então, a matéria do pensamento e o veículo de comunicação social.”

Para Ferdinand Saussure⁹ (1969, *ibidem*, p. 14) a linguagem é multifacetada pois abrange diversos domínios – ao mesmo tempo ela é física, fisiológica e psíquica, tanto individual quanto social. O filósofo suíço dissocia da linguagem a língua, considerando que a língua é um conjunto de convenções necessárias adotadas pela sociedade e que permite a comunicação. A língua, portanto, é “um sistema de signos” que se organiza dentro de um todo, não deve ser alterada pelo interlocutor por obedecer “às leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade” (SAUSSURE, 1969, *apud* PETTER, 2007, p. 14).

Os signos são rótulos colocados nas coisas (FIORIN, 2007). De acordo com Adilson Citelli (2002) os signos possuem duas extensões: significante, aspecto material que torna o signo audível e/ou legível; significado, apresentação abstrata e conceitual que nos leva à reprodução imaginária denominada pelo significante. O signo, portanto, é o resultado da união entre essas duas faces – o conceito e a imagem acústica.

⁹ Importante linguísta e filósofo suíço que possibilitou autonomia e métodos próprios a linguística

Há ainda um outro elemento no conjunto linguagem/língua: a fala, que diferente da língua, é individual e se utiliza do código da língua para resultar combinações feitas a fim de se expressar pelos mecanismos psicofísicos (PETTER, 2007). Antônio Vicente Pietroforte (2007, p. 81) traz em síntese quais as diferenças entre língua e fala, segundo Ferdinand Saussure:

Para Saussure, *língua* opõe-se a *fala*, porque a *língua* é coletiva e a *fala* é particular, portanto, a *língua* é um dado social e a *fala* é um dado individual. Além disso, a *língua* é sistemática e a *fala* é assistemática. Pessoas que falam a mesma *língua* conseguem comunicar-se porque, apesar das diferentes *falas*, há o uso da mesma *língua*.

A partir dessa afirmação, é possível partirmos para outra conceituação: dos termos que os linguistas utilizam para fazer referência às produções verbais, são eles: enunciado, texto e discurso. Iremos caracterizá-los e diferenciá-los sumariamente, uma vez que o “discurso” é o que aqui mais importa.

3.2 Enunciado, texto e discurso

Dominique Maingueneau (2008) entende que em cada enunciado há um sentido estável, ou seja, o sentido que o emissor deseja atribuir. Entretanto, o receptor, para decifrar esse sentido, deve compreender o mesmo código, falar a mesma língua e, além disso, compreender o contexto, que para antigos estudiosos serviria para somente desfazer ambiguidades que poderiam surgir nos enunciados.

A pesquisa contemporânea, a respeito da linguagem, no entanto, transformou a ideia mencionada de interpretação dos enunciados – acredita-se agora que toda prática de enunciação é assimétrica. Para Maingueneau (2008, p. 20), isso significa dizer que “a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador.” A interpretação de um enunciado, além de envolver gramática e dicionário, compreende conhecimentos variados, fazer suposições, pensar, “construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável.” (idem, p. 20)

O linguista francês Dominique Maingueneau (2005, p. 47), afirma que é dentro dessa relação dependente com os fatores sociais que a Análise do Discurso pode operar:

O interesse específico que rege a análise do discurso é relacionar a estruturação dos textos aos lugares sociais que o tornam possíveis e que eles tornam possíveis [...]. O objeto da análise do discurso não é, então, nem os funcionamentos textuais, nem a situação de comunicação, mas o que os amarra por meio de um dispositivo de enunciação simultaneamente resultante do verbal e do institucional.

Portanto, a AD proporciona tratamento específico às características da prática linguística na medida em que examina sua finalidade e organização na comunicação verbal. É, portanto, um domínio da linguística que tem o objetivo de apreender a ligação entre discurso e situação de comunicação, sob o ponto de vista apoiado em uma perspectiva baseada em questões políticas, ideológicas, filosóficas e sociológicas, por exemplo.

3.3 Análise do Discurso de linha Francesa

Dominique Maingueneau (2015) afirma que o conjunto de questões que hoje participam da AD surgiram nos anos 60, principalmente nos Estados Unidos, na França e Inglaterra. Na década de 80, torna-se um espaço de pesquisa mundial, que acomodou movimentos teóricos que se desenvolveram de modo independente uma das outras, com variadas metodologias e localidades diferentes.

Articulando o linguístico com o social, a análise do discurso abrange diferentes áreas do conhecimento e, dessa forma, ela procura delimitar o seu campo de atuação para chegar a sua especificidade e se distinguir das outras áreas das ciências humanas, definindo-se como “o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado”, apoiando-se “sobre os conceitos e métodos da linguística” (BRANDÃO, 2002, p. 17), Entretanto, isso não é suficiente para marcar sua singularidade dentro dos estudos da linguagem. Para isso, Maingueneau aponta que sejam consideradas outras dimensões:

- o quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação;
- os embates históricos, sociais, etc. que se cristalizam nos discurso;

- o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso. (MAINGUENEAU, 1987, *apud* BRANDÃO, 2002, p. 18)

Sendo assim, Maingueneau (2015) aponta que a AD incorpora em si e em suas práticas três perspectivas: língua, a atividade comunicacional e o conhecimento (variadas experiências e saberes, próprias de um indivíduo ou coletivos, usados na estruturação do sentido dos enunciados). Segundo o linguista francês, a diferença da AD com outras disciplinas é que ela une essas três perspectivas, ao contrário dos outros campos de estudo que favorecem uma só. A título de exemplo: os fatores sociais são enaltecidos pelos psicólogos, a comunicação é evidenciada pelos sociólogos e a estrutura do texto é privilegiada pelos linguistas.

Além do sistema interno exigir de seus usuários uma competência específica, a linguagem deve ser estudada enquanto formação ideológica manifestada por uma competência sócio-ideológica. Portanto, deve-se aliar o linguístico ao sócio-histórico, como aponta Brandão (2002, p. 18):

As duas grandes vertentes que vão influenciar a corrente francesa de AD são do lado da ideologia os conceitos de Althusser, e do lado do Discurso as ideias de Foucault. É sobre a influência dos trabalhos desses dois teóricos que Pêcheux, um dos estudiosos mais profícuos da AD elabora seus conceitos.

3.3.1 Discurso e Ideologia

O discurso é o veículo das ideologias. Segundo Chauí (1981, p. 23 *apud* BRANDÃO, 2004, p. 19) a palavra “ideologia” foi desenvolvida pelo filósofo Destutt de Tracy em 1810 no livro “Elements de Idéologie” para designar a prática científica que buscava analisar a capacidade de pensar, considerando as ideias “como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente.” No entanto, com Napoleão Bonaparte o termo foi considerado pejorativo e passa a qualificar uma doutrina irrealista e partidária, sem razão concreta.

Marx e Engels reconhecem a ideologia como a fragmentação realizada entre a formação das ideias e as circunstâncias sócio-históricas em que são geradas, ou seja, à produção de ideias e concepções. A concepção marxista de ideologia caracteriza-se por ser

Um instrumento de dominação de classes porque a classe dominante faz com que suas ideias passem a ser ideias de todos. Para isso eliminam-se as contradições entre força de produção, relações sociais e consciência, resultantes da divisão social do trabalho material e intelectual. Necessária à dominação de classe, a ideologia é ilusão, isto é, abstração e inversão da realidade [...] (BRANDÃO, 2004, p. 21)

Para o filósofo de origem francesa Louis Althusser, a ideologia é a forma com que os homens se relacionam em condições reais de existência e essa relação é necessariamente imaginária, desse modo, para ele

A existência da ideologia é, portanto, material, porque as relações vividas, nela representadas, envolvem a participação individual em determinadas práticas e rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos. Em outros termos, a ideologia se materializa nos atos concretos, assumindo com essa objetivação um caráter moldador das ações. (BRANDÃO, 2004, p. 25).

Outra definição de ideologia parte de Paul Ricoeur, que acredita que ela está presente em todas as pessoas, já que compõe a coleção de ideias e posições assumidas, perdendo seu sentido depreciativo imputado por Karl Marx. Ricoeur afirma que ao rotular o outro de ideológico, acabamos sendo contraditórios, uma vez que também o somos. Para ele, a ideologia deve ser assimilada em três âmbitos: i) função geral, mediadora na integração social (coesão do grupo); ii) função de dominação, relacionada a produção de crenças ratificadoras da dominação e; iii) função de deformação, refere-se a ideia marxista, considerando a ideologia algo que “torna a imagem pelo real, o reflexo pelo original”, ou seja, a distorção da realidade com a finalidade de manipular os dominados (BRANDÃO, 2004, p. 26).

José Luiz Fiorin (2007, p. 28) considera que a ideologia está ligada “a esse conjunto de ideias, a essas representações que servem pra justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens.”, classificando-a como “falsa consciência” por estar formada com base nos moldes fenomênicos da realidade e as ideias dominantes acabam sendo elaboradas a partir delas. Entretanto, vale ressaltar que se houver a modificação da realidade, a ideologia está circunscrita no objeto e no social, não podendo, portanto, limitar-se apenas à consciência.

A reflexão sobre a essência da realidade é aprofundada por Fiorin na medida que ele expõe que não existe um conhecimento neutro. Segundo ele, os interesses sociais podem comprometer o conhecimento, ou seja, a visão de uma classe dominante acerca da realidade é sempre expressa no discurso e um conceito de

ideologia mais ampla e clara se manifesta: “ela é uma “visão de mundo”, ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social.” (idem, p. 29)

Ao analisarmos a combinação entre ideologia e discurso, dois conceitos da Análise do Discurso devem ser expostos: o de formação ideológica (FI) e o de formação discursiva (FD) (BRANDÃO, 2004).

A formação ideológica é a perspectiva de mundo de uma classe social (suas ideias, opiniões e representações) e não existe desvinculada da linguagem. Assim, uma FI condiz com uma formação discursiva, que se caracteriza por ser a materialização de uma determinada visão de mundo por meio de temas e de figuras e é aprendida por todas as pessoas no decorrer da aprendizagem linguística. Podemos concluir que “assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer.” (FIORIN, 2007, p. 32)

Para o linguista, conforme a Análise do Discurso estuda os elementos discursivos, vai construindo por inferência a visão de mundo dos sujeitos inscritos no discurso e, em seguida, mostra o que é que determinou aquela visão nele revelada. Segundo ele (2014, p. 69), todos os discursos são uma resposta a outro discurso, por isso “todos os discursos são argumentativos, pois todos eles fazem parte de uma controvérsia, refutando, apoiando, contestando, sustentando, contradizendo um dado posicionamento” de algum outro discurso, e Amossy (2008, p. 129), ratifica essa tese ao afirmar que a “AD busca descrever o funcionamento do discurso em sua situação, ela não pode negligenciar a sua dimensão argumentativa”.

Consideramos, portanto, imprescindível, discorrer sobre o modo argumentativo de organização do discurso e alguns de seus respectivos elementos e estratégias, antes de fazermos a análise de nosso *corpus*, tendo em vista que a análise argumentativa coloca em evidência, ao mesmo tempo, os objetivos do discurso em uma situação de comunicação singular e as estratégias empregadas para realizá-los, em suas dimensões formais e ideológicas (AMOSSY, 2008, p. 140).

3.4 O Modo Argumentativo de Organização Discursiva

A argumentação se dá na interação social, por intermédio da língua. Constantemente, as pessoas julgam, avaliam, declaram, criticam, ou seja, constroem juízos de valor, no entanto, por meio do discurso – que como já vimos é uma prática verbal composta de intencionalidade –, o homem se esforça para influenciar as atitudes das demais pessoas ou convencê-las de determinadas opiniões (KOCH, 2009).

Entretanto, não há como falar de “argumentação” sem antes nos referirmos à retórica. Para Marcuschi (2009), os termos são “quase sinônimos” em níveis de funcionamento prático, pois o ato de argumentar é entendido como atitude de persuadir, ou seja, induzir a aceitar seja uma ideia, ação ou crença, o que nos obriga a discorrermos, sucintamente, a respeito dessa arte.

3.4.1 Retórica

A retórica, como afirma Aristóteles, é analítica, já que é a arte de descobrir o que é próprio para persuadir pelo discurso, entretanto é inaplicável a todos textos, como nos discursos técnicos, científicos e piadas, por exemplo

A faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão. Nenhuma outra arte possui esta função, porque as demais artes têm sobre o objeto que lhes é próprio, a possibilidade de instruir e de persuadir; por exemplo, a Medicina, sobre o que interessa à saúde e à doença, a Geometria, sobre as variações das grandezas, a Aritmética, sobre o número; e o mesmo acontece com as outras artes e ciências. Mas a Retórica parece ser capaz de, por assim dizer, no concernente a uma dada questão, descobrir o que é próprio para persuadir. Por isso dizemos que ela não aplica suas regras a um gênero próprio e determinado. (ARISTÓTELES, s.d., p. 33)

Afirma-se que a retórica é invenção grega, que, inicialmente, inventou a “técnica retórica”, que se tratava do ensinamento de defender qualquer causa e, em seguida, a teoria da retórica, que se refere a uma análise para chegar à compreensão dessa prática (REBOUL, 2004).

É atribuído a Aristóteles, na Antiguidade Clássica, a organização das pesquisas e reflexões sobre a estrutura do discurso e os meios de persuasão. Nesse período, a retórica teve protagonismo na sociedade ateniense, já que também estava em concordância com a linha democrática da população (REBOUL, 2004). Segundo

Adilson Citelli (2007), o poder era exercido via palavra, por isso, concomitantemente, era uma ciência e uma arte, visto que estavam envolvidos a sabedoria das estratégias persuasivas e a forma de melhor proferi-las.

Segundo Oliver Reboul (2004), a moral cristã do mundo medieval na Idade Média fez com que a retórica perdesse o prestígio devido à máxima absoluta de verdade empregada por eles. Embora perdesse status nesse período, a retórica permaneceu se desenvolvendo, tanto na literatura sem religião, quanto na pregação da Igreja. Na Idade Moderna, mais tarde, a retórica perde o conceito de discurso com vistas em persuadir e se mantém quase que exclusivamente no campo da Poética, estudando os meios de expressão ornamentados e agradáveis.

A partir do século XVII, a prática retórica passou por um período de desprezo e dormência devido, primeiramente, ao filósofo e matemático francês René Descartes, que promove a ideia de que “se considera falso tudo o que não é verdadeiro, incluído aí o verossímil, de onde parte o raciocínio retórico” (PAULINELLI, 2014, p. 2). Em seguida, alimentados pela ideia de Descartes, o positivismo defende inteiramente a verdade científica e o romantismo legitima a sinceridade, rejeitando a arte da palavra. Ou seja, admitia-se que era útil e proficiente se basear na filosofia com vertente racional, aquela concreta e inteiramente verdadeira, excluindo a retórica (PAULINELLI, 2014).

Segundo Citelli (2007), no final do século XIX a retórica ganha uma nova função: vinculação da ideia de embelezamento do texto – ganhando um tom pejorativo e perdendo ainda mais sua importância. Havia a ideia de que ela tinha a função de produzir ferramentas de expressão para deixar o discurso mais atraente encobrindo as ideias vazias.

Com a evolução dos meios de comunicação de massa e solidificação dos Estados Democráticos, em meados dos anos de 1950, o estudo da retórica começou a ser retomado. Esse resgate foi impulsionado, principalmente, pelo filósofo e jurista Chaïm Perelman e acadêmica belga Lucie Olbrechts-Tyteca (PAULINELLI, 2014). Para o filósofo (2004), o objeto da retórica é o “estudo das técnicas discursivas que visam provocar ou a aumentar a adesão das mentes às teses apresentadas a seu

assentimento”, ou seja, a partir do domínio dessas técnicas discursivas é possível convencer os receptores da mensagem.

Segundo Ruty Amossy (2011, p.4) o filósofo e jurista Perelman

Estende o império retórico a um conjunto muito mais vasto que compreende, como se verifica em seus exemplos, tanto o discurso filosófico quanto a literatura, ele não deixa de limitar a argumentação à tentativa de mobilizar os recursos da linguagem para suscitar a adesão dos espíritos à tese proposta ao assentimento.

Para ela, ele se preocupava mais com o consentimento dos interlocutores do que com a própria verdade e faz o uso de “recursos da linguagem” como meio de descartar noções neutras a fim de modificar as convicções e atitudes de tais espíritos.

A partir da tentativa de Perelman e Olbrechts-Tyteca em unir os principais elementos da retórica clássica aristotélica a uma perspectiva revolucionada do tema, elaborou a chamada “Nova Retórica” ou Teoria da Argumentação (KOCH, 2009). Citelli (2007) afirma que nesse momento os conceitos de Aristóteles ganha um novo ponto de vista – mais aberta e menos imbuída de tendências que marcaram a história da retórica. Essa recente perspectiva se vincula, em síntese, ao estudo das figuras de linguagem e o das técnicas de argumentação.

3.4.2 A Argumentação e as estratégias argumentativas

A prática de argumentar é, em outras palavras, a arte de conduzir o discurso na direção de determinadas conclusões, uma vez que qualquer discurso tem subentendido uma ideologia (KOCH, 2009), portanto, citando Fiorin (2014), a argumentatividade é íntima da linguagem humana e todos os enunciados são argumentativos.

Segundo Ingedore Koch (2009, p. 21), a argumentação é atividade estruturante do discurso e seu desenvolvimento progressivo “se dá por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico não só de coesão mas principalmente de coerência textual.”

Ruth Amossy (2007) salienta que nem toda prática de utilizar a palavra tem o objetivo de fazer com que o receptor concorde e aceite uma enunciação, apesar disso, acredita-se que até a fala que não tem a intenção de convencer, pode desempenhar alguma influência nos modos de pensar e ver dos interlocutores.

Segundo Anscombre e Ducrot, o conceito de argumentação está ligado ao sentido particular de encadeamento de enunciação que guia a uma conclusão, denominando de “argumentação linguística”, isto é, o uso de um enunciado “tem uma finalidade no mínimo tão essencial quanto informar sobre a realização de suas condições de verdade, e essa finalidade é a de orientar o destinatário na direção de certas conclusões, desviando-o das outras.” (ANSCOMBRE; DUCROT, 1988, *apud* AMOSSY, 2007, p. 124)

É necessário salientar dois aspectos da argumentação que a tipificam no discurso como um domínio da AD. O primeiro trata da associação da argumentação na materialidade da língua na qual ela coopera no desempenho integral do discurso. Outro aspecto é a necessidade de explorar os desempenhos argumentativos na trama do linguístico e do social, incorporando o discurso como uma ligação de um texto e de um lugar social (AMOSSY, 2007).

Conforme afirma a autora, a argumentação no discurso tem o objetivo de respaldar a pesquisa em metodologias discursivas específicas, considerando os progressos das ciências da linguagem. Simultaneamente, ela os vincula às esferas sociais e institucionais nas quais se permite a fala. Chaim Perelman possui o mérito de ter situado em destaque o papel central do público em sua “argumentação retórica”, que deve ser apreendida na perspectiva das trocas verbais. De acordo com Amossy (*idem*, p. 129)

O orador (que corresponde ao locutor das ciências da linguagem) visa a conseguir a aprovação de um público (ou interlocutor) do qual ele deve levar em conta as premissas; ele deve apostar em seu saber enciclopédico, suas crenças e seus valores compartilhados a fim de transferir às conclusões o acordo concedido às premissas.

Isso posto, o emissor produz suas estratégias argumentativas em um determinado discurso em função do público ou pelo menos da representação que faz dele e, dessa forma, o público é sempre uma construção do orador. O discurso,

intencional ou não, é orientado pela idealização que o emissor faz das premissas, crenças e opiniões dos receptores.

Amossy, entende

A retórica no sentido de arte de persuadir tal como ela se desenvolveu de Aristóteles a Perelman [...]. Ela mantém, portanto, no centro do dispositivo comunicacional a força conferida à fala pelo raciocínio e a faculdade de exercer uma influência fazendo com que ele seja compartilhado. Desse modo, ela baseia-se no estudo dos tópicos, dos esquemas argumentativos e dos tipos de argumentos de que o discurso faz uso para justificar um ponto de vista e torná-lo aceitável aos olhos do interlocutor (ibidem, p. 127).

Em relação ao gênero jornalístico, segundo Farias (2018, p. 35), ao eleger uma perspectiva sobre a forma como os acontecimentos serão publicados nos títulos das reportagens, o veículo jornalístico fixa no texto “um nível de atenção e expectativa do leitor diante dos fatos, podendo apresentá-los como já realizados, como prováveis, como ainda em andamento, como possíveis.”. Dessa forma, o que se transforma em notícia não é exclusivamente o fato ocorrido, une-se a ele o que ainda é possível ocorrer ou o que é previsto que aconteça.

A presente pesquisa, a partir da análise das marcas linguísticas presentes no discurso, ou seja, da linguagem colocada em ação pelos jornais em pauta, cujo papel é o de sujeito destinatário da notícia, encarregar-se-á de sua observação e estudo, a fim de verificarmos as seleções realizadas pelo sujeitos para atingirem seus propósitos. Iremos considerar como marcas linguísticas indicadoras de intencionalidade e usadas como estratégias argumentativas, alguns elementos gramaticais, como advérbios, preposições, operadores argumentativos, as figuras e funções da linguagem utilizadas, por exemplo.

3.4.3 Persuasão e Convencimento – Efeitos da Comunicação

Persuadir significa levar o outro à aceitação de uma determinada ideia. Quem persuade possivelmente não está trabalhando com uma verdade, mas unicamente com que se assemelha de uma certa verossimilhança¹⁰ ou simplesmente a esteja

¹⁰ Verossímil é aquilo que se constitui em verdade a partir de sua própria lógica.

manuseando por meio de uma sistematização do discurso que o estabelece como verídico para o destinatário (CITELLI, 2002).

Segundo o autor, o elemento persuasivo está intimamente ligado ao discurso, tanto que não é comum encontrar organizações discursivas que não estejam conectadas à persuasão. Em vista disso, a prática comunicativa não deve ser compreendida somente como uma atividade informativa, mas certamente vinculada a um sistema melindroso de manipulação, em que o emissor efetua um fazer persuasivo e o receptor um fazer interpretativo (FIORIN, 1988).

Como já foi visto neste capítulo, a arte de persuadir começou com a tradição retórica, a partir da preocupação dos gregos com o domínio da expressão verbal. Entretanto, segundo Citelli (2002), é válido ressaltar que a retórica não é persuasão e muito menos pode revelar como se dá a persuasão, pois a preocupação não era saber até onde o ato de convencer se revestia de verdade.

Para Fiorin (1988), utiliza-se recursos retóricos quando o enunciador, no seu fazer persuasivo, deseja criar impressões e sensações a fim de chamar a atenção do destinatário para a sua mensagem. A partir de uma percepção incomum e atípica, quem recebe a mensagem pode contemplar satisfatoriamente determinadas unidades que estão sendo transmitidas e assentir com facilidade o enunciado. O autor apresenta algumas possibilidades: "dizendo sem ter dito, simulando moderação para afirmar de maneira enfática, fingindo ênfase para dizer de maneira atenuada, apresentando uma nova combinação de figuras, o enunciador mostra outras maneiras de ver o mundo." (idem, p. 66)

Citelli (2002, p. 31) também considera que provocar reações emocionais no receptor é uma das responsabilidades do discurso persuasivo. Para ele, deixa-se de usar uma palavra "contaminada" para uma "angelical", ou vice-versa. Para ficar claro, utilizaremos o exemplo do autor (2002, p. 31):

É muito raro que um empresário se empenhe numa aberta defesa do capitalismo; palavra aliás da qual fogem como o diabo da cruz [...] As lojas são agora para o regime de livre-empresa [...] Livre-empresa, ao contrário, soa mais angelical, revelando uma forma de organização não contaminada pelas desagradáveis e incômodas lembranças sugeridas pelo capitalismo.

Para se observar a elaboração do discurso persuasivo, é fundamental identificar as características e a essência dos signos linguísticos. Afinal, é da relação dos signos que se elabora a frase, o período, o texto, como afirma Citelli (2002, p. 26):

O desejo de comunicar certas ideias - a comunicação propriamente dita, a vontade de dizer coisas aos outros e o efetivo ato de dizer, o movimento em direção à construção do texto e sua construção - fica mediado por uma unidade menor que se chama signo. O modo de articulá-lo, organizá-lo, poderá determinar as direções que o discurso irá tomar, inclusive de seu maior ou menor grau de persuasão.

Apesar de as palavras “nascerem” neutras, quando colocadas em contexto passam a difundir princípios, concepções, pré-conceitos, ou seja, passam a indicar o que chamamos de ideologias. Assim, a partir do domínio dos signos, nossos pensamentos se estruturam e manifestam concretamente, dessa forma, pode-se “ler” a consciência dos indivíduos. Portanto, de acordo com Citelli (idem, p. 29) “o signo forma a consciência que por seu turno se expressa ideologicamente [...] é fácil deduzir que o modo de conduzir o signo será de vital importância para a compreensão dos modos de se produzir a persuasão.”

O discurso persuasivo, em síntese, beneficia-se de recursos retóricos a fim de convencer ou modificar posicionamentos e condutas já definidas. Isso posto, percebe-se que ele “é sempre expressão de um discurso institucional. As instituições falam através dos signos fechados, monossêmicos, dos discursos de convencimento.” (ibidem, p. 32). Institucional tanto na perspectiva “maior”, como o judiciário e a Igreja, e aqui também se insere o jornalístico, quanto às microinstituições, como a unidade familiar e amigos do bairro, por exemplo.

A partir do que aqui foi exposto, podemos concluir que sempre haverá uma estratégia de persuasão e argumentos suficientes para convencer o leitor em relação às ideias propostas pelo autor. Vale ressaltar que, para a AD, todo discurso caracteriza-se por provocar um efeito de sentido entre locutores, no qual sabemos esse sentido depende de diversos fatores, como o contexto, o meio em que o indivíduo está inserido, ou seja das formações ideológicas. Um texto, portanto, pode tomar diversas direções. Sendo assim, a partir da percepção de que os títulos e subtítulos das notícias possuem várias leituras particulares e, com isso, algumas possíveis interpretações, exploraremos no próximo capítulo o modo de como os jornais tratam

o mesmo fato e como a forma de abordagem pode influenciar na leitura, sob o auxílio dos postulados de autores da Escola Francesa de Análise do Discurso.

3.4.4 Topicalização, modalização e seleção lexical

Considera-se que a topicalização é a utilização do deslocamento de um termo para o início da frase de forma que se dê destaque a ele, ou seja, trata-se de uma operação linguística que move um elemento da oração para a posição inicial (BOTELHO, 2010). Corbari (2008) aponta que o uso dessa operação se apresenta como um artifício “à focalização da informação contida no núcleo do próprio predicado e do sujeito”, dessa forma o enunciador deixa “entrever de imediato uma determinada posição assumida.”

Segundo autores como Castilho e Castilho (1992), Koch (2002) e Neves (1996), para o conceito de modalização, toma-se a ideia geral de que a modalização representa os pontos de vistas dos enunciadores e o tipo de interlocução pretendida. Segundo Koch (2002), os modalizadores possuem a função de definir a relação entre o produtor do texto e conteúdo exposto por ele, dessa forma, entendemos que o enunciador produz seu texto de acordo com o que se pretende dizer. Na mesma direção, Castilho e Castilho (1992) afirmam que a utilização da modalidade, de modo geral (tanto em palavra quanto em expressões), pode contribuir com que o enunciado adquira uma forma de verdade ou exprima um julgamento do emissor em relação ao que se enuncia. Neves (1996) acrescenta que esse recurso linguístico é também usado para o enunciador se aproximar ou se afastar de um enunciado, responsabilizando-se, ou não, pelo o que é informado.

O emissor pode utilizar duas formas principais de modalizar: a epistêmica ou a deontica. Em relação à primeira, de acordo com Guedes e Ribeiro (2015, p. 74), considera-se que é “aquela que demonstra uma avaliação do locutor em relação ao valor de verdade de um enunciado e sob que condições este enunciado pode ser verídico”. Os modalizadores deonticos, por sua vez, estão ligados “no âmbito da conduta, relacionados a uma determinada postura que deve ser assumida perante a ação a ser realizada” (GUEDES; RIBEIRO, 2015, p. 74). Por fim, torna-se importante ressaltar que as duas formas podem “aparecer relacionados no texto, pois muitas

vezes o dever fazer algo vem expresso por uma voz autorizada, ou seja, que é conhecedora do que se diz e por isso deve ter sua ordem acatada.” (*idem*, p. 76)

A respeito da seleção lexical, Gomes (2010, p. 8) considera que todas as palavras possuem diferentes cargas semânticas e que cada palavra “pode ser atenuada ou salientada em seu emprego, produzindo efeitos expressivos que, quando apreendidos pelo interlocutor, são capazes de suscitar nele as emoções e julgamentos pretendidos por quem os produz”. Freire (2015) afirma que a utilização desse mecanismo de seleção do léxico está ligado a, por exemplo, aspectos ideológicos e crenças do emissor. Dessa forma, possibilita ao produtor do texto deixar perceptível ou implícito sua visão a respeito do dito. Escolher uma palavra e não outra, não está separado dos aspectos ideológicos e crenças dos enunciadores, portanto, esse mecanismo está diretamente ligado à realidade dos interlocutores e em como ela é vista e vivenciada por eles.

4 ANÁLISE DOS TÍTULOS E SUBTÍTULOS

No decorrer deste capítulo será realizada a análise dos títulos e subtítulos das notícias selecionadas sobre o caso “80 tiros”, no período de 8 de abril de 2019 a 24 de maio do mesmo ano, dos jornais impressos Extra, Meia Hora, O Dia e O Globo. Também serão analisados os textos não verbais que complementam e ratificam as notícias. Nosso objetivo é revelar as diferenças de abordagens e enfoques na cobertura do fato, por meio dos recursos linguísticos utilizados por cada um dos jornais. Efetuaremos, portanto, as leituras possíveis com que o caso “80 tiros” foi exposto por cada impresso, comparando suas manchetes. Serão relevantes para esse processo as estratégias argumentativas utilizadas, as marcas linguísticas indicadoras de intencionalidade, alguns elementos gramaticais, como advérbios, preposições, operadores argumentativos, as figuras e funções da linguagem e, claro, os textos não verbais presentes.

No período de 8 de abril a 24 de maio houve no total 30 matérias publicadas a respeito do caso. Sendo 14 do jornal Extra, 4 do Meia Hora, 7 de O Dia e 6 de O Globo. Portanto, é válido destacar que durante 7 dias o Extra noticiou os desdobramentos do fato sozinho, ou seja, os demais jornais nesses dias deixaram de noticiar os fatos sobre o tema. Como um de nossos objetivos é comparar as manchetes, realizaremos as análises somente dos dias em que dois ou mais jornais realizaram publicações acerca do fato o que resultou, então, em 22 publicações.

8 DE ABRIL

Extra

Figura 2: título e subtítulo do jornal Extra publicado dia 8 de abril.



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal Extra. Disponível em <<https://extra.globo.com/capas-jornal-extra/2019-04-80-23581459.html?mesSelecio-nado=Abr&ano=2019>>

Militares dão 80 tiros em carro e matam músico

Exército diz que soldados reagiram a disparos vindos de veículo da vítima, na Zona Oeste. Família nega a versão

A manchete do jornal nos mostra que o repórter, responsável pelo enunciado, tem a intenção de causar impacto nos leitores ao informar o quantitativo elevado de disparos, apesar de topicalizar o sujeito e modalizá-lo com o substantivo “militares”, qualificando, dessa forma, o autor da ação, a ênfase está no que se pratica.

O personagem receptor da ação, é modalizado pelo substantivo músico, o que contrasta com as ações realizadas pelos militares, pois subentendemos que se trata de um trabalhador inocente.

A partir do subtítulo, o repórter insere pontos de vista diferentes a respeito do fato, ou seja, inserindo a polifonia: de um lado, o posicionamento do exército, em contraponto ao da família vitimada. Usa o discurso indireto, inserido pelo discurso relatado.

A imagem, elemento não-verbal da manchete, busca primeiramente mostrar o carro (mencionado no título), em que é possível ver as marcas das balas, tanto na lataria do veículo quanto no para-brisa e, ao lado, estampa a imagem da face sorridente do músico que veio a óbito, de modo a causar impacto pelo contraste.

Meia Hora

Figura 3: título e subtítulo do jornal Meia Hora publicado dia 8 de abril.



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal Meia Hora. Disponível em <<https://flip.meiahora.com/edicao/impressa/4863/08-04-2019.html>>

Morte em ação do Exército em Guadalupe
É o segundo caso com vítima fatal ocorrido em 48 horas na região

Topicaliza-se o resultado da ação por meio do substantivo “morte”, mas não especifica o fato em si e, pressupomos, portanto, que para o leitor que não possui conhecimento prévio do ocorrido, o resultado da ação do Exército pode ter sido responsabilidade tanto dos militares quanto de quem estava em confronto. Entretanto, na realidade, não havia nenhum confronto – só é possível ter essa informação ao ler a reportagem, uma vez que nem o subtítulo fornece mais detalhes sobre o acontecimento. Percebemos também, no título da manchete, que o emissor se preocupou em apontar o local do episódio, utilizando um marcador de localidade.

No subtítulo, ao topicalizar, novamente, o fato em “é o segundo caso”, modaliza o fato em si, quantificando-o por meio do numeral “segundo” e temporaliza-o com o modalizador temporal “em 48 horas”. Ratifica o lugar do acontecimento dos fatos com o modalizador locativo “na região”.

O Dia

Figura 4: título e subtítulo do jornal O Dia publicado dia 8 de abril.

AÇÃO DO EXÉRCITO EM GUADALUPE DEIXA UM MORTO E DOIS FERIDOS

Vítima estava no carro com a mulher, uma criança de 5 anos e um idoso, atingido de raspão. Segundo parentes, os soldados confundiram o carro da família com o de bandidos e atiraram. Um pedestre também foi baleado. Militares afirmam que o morto era um criminoso. P. 4

Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal O Dia. Disponível em <<https://flip.odia.com.br/edicao/impressa/4902/08-04-2019.html>>

Ação do Exército em Guadalupe deixa um morto e dois feridos

Vítima estava no carro com a mulher, uma criança de 5 anos e um idoso, atingido de raspão. Segundo parentes, os soldados confundiram o carro da família com o de bandidos e atiraram. Um pedestre também foi baleado. Militares afirmaram que o morto era um criminoso.

Da mesma forma que a manchete anterior, o título do jornal O Dia não esclarece quem foram as vítimas do resultado da ação: militares ou criminosos. Nesse enunciado o repórter dá ênfase à ação e a modaliza com a locução adjetiva “do Exército” e, em seguida, com o local em que ela se deu.

O subtítulo, por sua vez, descreve os fatos modalizando alguns personagens substantivados “a mulher”, “uma criança de 5 anos” – aqui, a própria criança é modalizada por “5 anos” –, e “um idoso” – este, modalizado pela forma como fora ferido: “atingido de raspão”. Ainda no subtítulo, notamos que o enunciador utiliza a polifonia discursiva, cujas versões se opõem: em “*Segundo parentes, os soldados confundiram o carro da família com o de bandidos e atiraram.*” a voz de autoridade é introduzida pelo modalizador “segundo” e em “*Militares afirmaram que o morto era um criminoso.*” essa voz é trazida pelo verbo dicendi “afirmaram”, que introduz o discurso indireto.

O Globo

Figura 5: título e subtítulo do jornal O Globo publicado dia 8 de abril.

Militares fuzilam carro com crianças e matam músico

Militares dispararam mais de 80 tiros de fuzil contra um carro onde havia crianças, na tarde de ontem na Zona Norte do Rio, segundo a Polícia Civil, matando o músico Evaldo Rosa, de 51 anos. Seu sogro ficou ferido. O Exército alegou que os homens eram criminosos e abriram fogo, o que a família nega. **PÁGINA 9**

Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal O Globo. Disponível em <<https://acervo.oglobo.globo.com/pagina/edicaoodia.do?dia=20190408&edicao=Matutina&caderno=Primeiro+Caderno>>

Militares fuzilam carro com crianças e matam músico

Militares dispararam mais de 80 tiros de fuzil contra um carro onde havia crianças, na tarde de ontem na Zona Norte do Rio, segundo a Polícia Civil, matando o músico Evaldo Rosa, de 51 anos. Seu sogro ficou ferido. O Exército alegou que os homens eram criminosos e abriram fogo, o que a família nega.

O sujeito da ação é topicalizado e modalizado com a utilização do substantivo “militares”. Podemos, ainda, observar a utilização do verbo “fuzilar”, que além de possuir uma carga semântica fortemente negativa, que hiperboliza a ação.

A presença de crianças e de um músico no objeto da ação, ou seja, na cenografia discursiva, pressupõe uma execução e gera a comoção dos leitores. Além disso, ao contrário das manchetes anteriores, nessa não há dúvidas de quem é o autor da ação, os militares.

O subtítulo apresentado enfatiza que foram disparados mais de 80 tiros, novamente em oposição às demais informações anteriores. Além de ratificar a manchete, especifica o tipo de arma “fuzil”, o local é modalizado pela locução adverbial “na Zona Norte do Rio. Nomeia a vítima fatal e a modaliza com o identificador da idade “51 anos”, menciona o ferido que não foi citado no título, modalizando-o por “sogro” e tudo introduzido pela voz de autoridade da “Polícia Civil”. A voz do “exército” é inserida pelo verbo dicendi e modal “alegou” e, assim, novamente nos deparamos com dois posicionamentos inseridos pelo repórter: o do exército e o da família.

9 DE ABRIL

Extra

Figura 6: título e subtítulo do jornal Extra publicado dia 9 de abril.



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal Extra. Disponível em <<https://extra.globo.com/capas-jornal-extra/2019-04-90-23583974.html?mesSelecionado=Abr&ano=2019>>

Viúva conta que apelos foram ignorados

Luciana Nogueira, viúva do músico Evaldo dos Santos, que foi morto por militares em Guadalupe, diz que pediu que homens do Exército parassem de atirar, mas não foi atendida.

No título da manchete percebemos que o enunciador topicaliza o sujeito e o modaliza com o substantivo feminino “viúva” e, em seguida, utiliza-se do discurso relatado para introduzir a fala do sujeito por meio do verbo dicendi “conta”, havendo, portanto, uma modalização do tipo epistêmica assertiva. Entende-se, portanto, que a viúva, durante o episódio, fez tentativas para que a ação dos militares não prosseguisse e situação não se concluísse com a morte do marido, pois de acordo com a manchete, ela alegou ter feito “apelos”. O registro do elemento não-verbal foi feito no momento do fato e contribui para levar o leitor a vivenciar o desespero do momento. A expressão de Luciana, viúva de Evaldo, com as mãos na cabeça, de olhos fechados e boca aberta evidenciam o seu desespero.

Meia Hora

Figura 7: título e subtítulo do jornal Meia Hora publicado dia 9 de abril.



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal Meia Hora. Disponível em <<https://flip.meiahora.com/edicao/impressa/4911/09-04-2019.html>>

'Eu vi o quartel. Tava protegida!' – Luciana dos Santos Nogueira, viúva de Evaldo Rosa dos Santos

'É morador, é morador!' – Testemunha tentando alertar os militares

'Mor, corre!' – Evaldo Rosa dos Santos, ao levar o primeiro tiro

'Me abaixei com o menino' – amiga da família, que estava no carro

'Moço, socorre meu esposo' – Luciana dos Santos Nogueira, pedindo ajuda a um militar

'Eles ficaram de deboche' – Luciana dos Santos Nogueira, sobre a atitude dos militares

'Meu coração sangra' – Luciana dos Santos Nogueira, em post no Facebook

'Por que o quartel fez isso?' – Luciana dos Santos Nogueira, na porta do IML

O lugar em que Luciana se sentia mais protegida foi justamente onde encontrou o horror. Os dez militares envolvidos no fuzilamento que terminou na morte de seu marido, o músico Evaldo Rosa dos Santos, estão presos. Mas sua pergunta continua sem resposta: por que eles, que deveriam proteger a sociedade, atiraram furiosamente contra um carro cheio de inocentes, que não oferecia qualquer risco?

Ao relatar por meio da voz de Luciana, reproduzida em discurso direto, introduzido pelas aspas, o repórter busca aproximar o leitor da realidade sofrida por uma das vítimas.

No subtítulo, a narrativa tem por objetivo levar o leitor a repensar na questão de segurança do Estado. Nessa situação, o emissor, a partir do discurso direto de Luciana 'Por que o quartel fez isso?' recria o cenário da tragédia.

O Dia

Figura 8: título e subtítulo do jornal O Dia publicado dia 9 de abril.



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal O Dia. Disponível em <<https://flip.odia.com.br/edicao/impressa/4903/09-04-2019.html>>

80 TIROS

“Por que interromperam nossos sonhos?” – Pergunta Luciana dos Santos Nogueira, viúva de Evaldo

SOLDADOS DO EXÉRCITO FUZILAM CARRO DE FAMÍLIA E MATAM MÚSICO NA FRENTE DO FILHO E DA MULHER

Atirar antes, perguntar depois. Usando essa lógica de guerra, militares do Exército abriram fogo no domingo contra o carro que Evaldo dos Santos Rosa dirigia, e onde estavam a mulher, o sogro, uma amiga e o filho de 7 anos. Depois que mataram o pai de família, os soldados não o socorreram e fizeram falsa comunicação de troca de tiros. O sogro e um homem que tentou ajudar também foram alvejados.

80 TIROS em caixa alta e topicalizado define e modaliza quantitativamente a dimensão da ação dos militares. O segundo subtítulo, apresenta o autor da pergunta de Luciana: os soldados, já modalizados de forma a não deixar dúvidas sobre qual corporação pertencem. No terceiro subtítulo o locutor inicia a narração dos fatos inserindo sua conclusão: “atirar antes, perguntar depois”.

A respeito dos elementos não-verbais, a imagem do início da página confirma o desespero da mulher de Edvaldo. Em seguida temos a imagem do músico, vítima fatal, com um sorriso estampado no rosto, contrastando com a imagem de sua mulher, mas conotando sua passividade. Por fim, há a foto da traseira do carro em que Evaldo estava, em que podem ser percebidas as diversas marcas de tiros, enfatizando a dimensão do ataque sofrido pelos civis.

O Globo

Figura 9: título e subtítulo do jornal O Globo publicado dia 9 de abril.

Viúva diz que militares ainda atiraram após apelos

Por "inconsistência nos fatos reportados", o Exército prendeu os dez envolvidos no fuzilamento de carro que matou o músico Evaldo Rosa e feriu duas pessoas. Uma delas, Luciano Macedo, tentou socorrer as vítimas, levou três tiros e está em coma. Os detidos responderão à Justiça Militar. A viúva, Luciana Nogueira, disse que os militares não pararam de atirar mesmo após pedido de ajuda e que ainda debocharam da situação. PÁGINAS 12 e 13 • EDITORIAL "EXÉRCITO PRECISA INVESTIGAR COM RIGOR FUZILAMENTO DE MÚSICO"

Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal O Globo. Disponível em <<https://acervo.oglobo.globo.com/pagina/edicaoodia.do?dia=20190409&edicao=Matutina&caderno=Primeiro+Caderno>>

Viúva diz que militares ainda atiraram após apelos

Por "inconsistências nos fatos reportados", o Exército prendeu os dez envolvidos no fuzilamento de carro que matou o músico Evaldo Rosa e feriu duas pessoas. Uma delas, Luciano Macedo, tentou socorrer as vítimas, levou três tiros e está em coma. Os detidos responderão à Justiça Militar. A viúva, Luciana Nogueira, disse que os militares não pararam de atirar mesmo após pedido de ajuda e que ainda debocharam da situação.

Diferentemente dos outros jornais, O Globo não usa a imagem de Luciana, mas topicaliza a personagem modalizando-a como caracterizador "viúva", cujo significado já remete à perda e tristeza. Faz uso do discurso indireto para relatar o ponto de vista e versão da personagem sobre o fato ocorrido. Posteriormente, a partir do uso do modalizador "ainda", introduz o conteúdo pressuposto de que os militares deveriam ter parado de atirar naquele momento, mas não o fizeram, continuaram praticando a ação sem se comoverem com os apelos da viúva, demonstrando, também, a falta de discernimento dos soldados em relação à segurança da sociedade. O modalizador temporal "após apelos", dá ênfase à ação de Luciana, uma vez que a palavra "apelos" possui uma carga semântica que provoca um maior impacto.

11 DE ABRIL

Extra

Figura 10: título e subtítulo do jornal Extra publicado dia 11 de abril.



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal Extra. Disponível em <<https://extra.globo.com/capas-jornal-extra/2019-04-10-23590016.html?mesSelecionado=Abr&ano=2019>>

Protesto com 'sangue' nas bandeiras

Amigos e parentes de Evaldo dos Santos Rosa, que foi morto por homens do Exército com cerca de 80 tiros no seu carro, em Guadalupe, pediram justiça durante o enterro do músico. Também ontem, o ministro de Defesa, Fernando Silva, classificou o caso como "lamentável" e prometeu "cortar na própria carne", se for preciso. Já Sérgio Moro disse que foi um "incidente bastante trágico" e pediu agilidade na apuração dos fatos.

Nessa manchete, temos a topicalização da ação, ou seja, o protesto. Em seguida, utiliza-se a modalização metafórica "com sangue" para caracterizar a ação, uma vez que esse sangue se referia à tinta vermelha, para representar o sangue derramado na ação dos militares.

Já no subtítulo amigos e parentes são topicalizados e também há descrição dos fatos, inclusive o emissor deixa claro para o leitor quem era a vítima, explicitando por meio de uma oração adjetiva explicativa, como Evaldo dos Santos Rosa foi morto.

Outros discursos foram inseridos como voz de autoridade para ratificar o protesto. Apresentado pelo verbo modal "classificou", o discurso do Ministro da Defesa, Fernando Silva, utiliza, ainda, a metáfora "cortar na própria carne", cujo significado é impactante, para deixar pressuposto que medidas duras serão usadas

para apurar e punir os atos cometidos pelos militares; também o discurso do Ministro da Justiça, Sérgio Moro, introduzido pelo verbo dicendi “disse”, insere o discurso relatado indireto e modaliza eufemisticamente o fato como “ ‘incidente’ bastante trágico”.

A linguagem não-verbal utilizada na reportagem é muito expressiva, pois além de ser perceptível a tristeza no rosto dos amigos e familiares que protestavam, o “sangue” nas bandeiras do Brasil ratifica o modo como morreram os ocupantes daquele carro.

Meia Hora

Figura 11: título e subtítulo do jornal Meia Hora publicado dia 11 de abril.



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal Meia Hora. Disponível em <<https://flip.meiahora.com/edicao/impressa/4916/11-04-2019.html>>

'QUERO VER QUEM PAGA PRA GENTE FICAR ASSIM'

A dor que une os pais da pequena Júlia, soterrada no dia da chuva, e a família do músico Evaldo, fuzilado por soldados do Exército, é a dor de um país que vê seus cidadãos morrendo pelo descaso e pela indiferença de governantes que, muitas vezes, fogem da responsabilidade por tragédias assim.

O título da manchete do “Meia Hora” retoma um verso do texto musical “Brasil”, de Cazuza, criado em 1980, que denuncia as desigualdades, as injustiças sociais e o comportamento corrupto da classe política brasileira, como uma voz de autoridade. Para dar conta da intertextualidade presente, é necessário o conhecimento de mundo dos leitores para que faça o sentido pretendido no contexto inserido. A imagem mostrada ratifica a dor pelo ocorrido.

Já no subtítulo, há uma junção do caso da menina Júlia, que foi soterrada em dia de chuva, e a família do músico fuzilado por soldados do Exército. Nesse trecho o emissor relata os fatos de forma parcial demonstrando revolta em relação a todas as dores que a sociedade vive atualmente, desde questões sociais, como falta de moradia e emprego, a questões de segurança. Relacionando os fatos à letra de uma música da década de 80, pensamos que a intenção dele, também, é mostrar que não mudou muita coisa, desde a produção da música.

O Dia

Figura 12: título e subtítulo do jornal O Dia publicado dia 11 de abril.



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal O Dia. Disponível em <<https://flip.odia.com.br/edicao/impressa/4905/11-04-2019.html>>

Músico fuzilado pelo Exército é enterrado

Evaldo dos Santos Rosa, que teve o carro metralhado com 80 tiros por soldados, foi enterrado ontem no Cemitério de Ricardo de Albuquerque. Familiares fizeram protesto na Vila Militar. Nove acusados tiveram prisão preventiva decretada.

O jornal O Dia, por meio do uso da voz passiva, enfatiza o sujeito, modalizado pelo próprio substantivo que o representa “músico”, que no título também funciona como caracterizador. O subtítulo apenas relata o que já se informara nos dias anteriores. Destacamos, aqui, a opção pela troca de verbos – fuzilados por metralhados – cujas cargas semânticas se equivalem. O elemento não-verbal reflete, ao mesmo tempo, a tristeza pela morte do músico e o desespero de um familiar.

O Globo

Figura 13: título e subtítulo do jornal O Globo publicado dia 11 de abril.



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal O Globo. Disponível em <<https://acervo.oglobo.globo.com/pagina/edicaoodia.do?dia=20190411&edicao=Matutina&caderno=Primeiro+Caderno>>

Prisão de militares mantida

Nove dos dez militares envolvidos no fuzilamento de Evaldo Rosa tiveram a prisão mantida. Amigos do músico saíram do enterro dele para protestar na Vila Militar com bandeiras manchadas de vermelho.

Nesse enunciado, o emissor topicaliza a prisão dos soldados e, em seguida, usando o verbo manter como marcador de pressuposição, deixa implícito para aqueles que ainda não conheciam o desenrolar dos fatos, que os militares já estavam presos.

Já no subtítulo, o repórter enfatiza a prisão de somente nove, dos dez militares que estavam envolvidos na ação, sem qualquer explicação do porquê de um deles ter sido absolvido.

O elemento não verbal dá destaque às bandeiras manchadas de “sangue”, simbolicamente, o sangue das vítimas do “fuzilamento”.

13 DE ABRIL

Extra

Figura 14: título e subtítulo do jornal Extra publicado dia 13 de abril.

Bolsonaro: ‘O Exército não matou ninguém’
Após músico ser morto e ter carro fuzilado por militares, presidente isenta instituição. **PÁGINA 7**

Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal Extra. Disponível em <<https://extra.globo.com/capas-jornal-extra/2019-04-30-23597247.html?mesSelecionado=Abr&ano=2019>>

Bolsonaro: ‘O Exército não matou ninguém’

Após músico ser morto e ter carro fuzilado por militares, presidente isenta instituição.

Na presente manchete há a topicalização da voz da autoridade máxima do País, que é apresentada pelo discurso direto, introduzido por aspas, o repórter, portanto, isenta-se do que é dito, atribuindo toda a responsabilidade ao locutor do discurso. Em ‘O Exército não matou ninguém’, Bolsonaro inocenta a instituição, o que é colocado em cheque no subtítulo, quando o enunciador introduz o modalizador temporal “após” e relata as ações cometidas, conotando uma concessão subentendida: mesmo depois da morte do músico...

Meia Hora

NÃO HOUVE NOTÍCIA PUBLICADA.

O Dia

Figura 15: título e subtítulo do jornal O Dia publicado dia 13 de abril.

BOLSONARO, SOBRE MÚSICO FUZILADO POR MILITARES: 'EXÉRCITO NÃO MATOU NINGUÉM. HOVE UM INCIDENTE'. P.B



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal O Dia. Disponível em <
<https://flip.odia.com.br/edicao/impressa/4907/13-04-2019.html>>

BOLSONARO, SOBRE MÚSICO FUZILADO POR MILITARES: 'EXÉRCITO NÃO MATOU NINGUÉM. HOVE UM INCIDENTE'.

Da mesma forma que o jornal Extra, a manchete do jornal “O Dia” chama a atenção dos leitores, exatamente pelo fato de trazer a voz da autoridade do presidente Jair Bolsonaro. Ao reproduzir a fala de Bolsonaro em discurso direto, intenciona-se enfatizar o que pensa esse senhor sobre a ação do Exército.

Segundo o Dicionário Online de Português¹¹ “incidente” significa: “episódio inesperado ou situação que altera a ordem normal das coisas”, mas no caso em questão, houve mortes, portanto, a declaração do presidente é eufêmica e repete o que já dissera seu ministro da justiça Sérgio Moro, em reportagem anterior, ratificando o ponto de vista do governo, de que a ação não foi violenta.

¹¹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/incidente/>

O Globo

Figura 16: título e subtítulo do jornal O Globo publicado dia 13 de abril.

Bolsonaro: ‘O Exército não matou ninguém’

Cinco dias depois da morte do músico Evaldo Rosa, que teve o carro fuzilado por militares em Guadalupe, o presidente Jair Bolsonaro se manifestou sobre o caso, isentando a instituição. “O Exército não matou ninguém. Houve um incidente, uma morte”, disse Bolsonaro, em inauguração de aeroporto em Macapá (AM). “Vai aparecer o responsável”. PÁGINA 21

Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal O Globo. Disponível em <<https://acervo.oglobo.globo.com/pagina/edicaoodia.do?dia=20190413&edicao=Matutina&caderno=Primeiro+Caderno>>

Bolsonaro: ‘O Exército não matou ninguém’

Cinco dias depois da morte do músico Evaldo Rosa, que teve o carro fuzilado por militares em Guadalupe, o presidente Jair Bolsonaro se manifestou sobre o caso, isentando a instituição. “O Exército não matou ninguém. Houve um incidente, uma morte”, disse Bolsonaro, em inauguração de aeroporto em Macapá (AM). “Vai aparecer o responsável”.

Da mesma forma que o “Extra” e “O Dia”, o jornal O Globo destaca, inicialmente, o nome do Presidente Jair Bolsonaro, para, em seguida, introduzir aspeado o discurso de autoridade, por meio do discurso direto.

No subtítulo, o emissor procurou destacar o tempo que decorrido, por meio da topicalização do modalizador temporal “cinco dias depois da morte...” para conotar a demora do posicionamento do Presidente sobre a ação do Exército.

19 DE ABRIL

Extra

Figura 17: título e subtítulo do jornal Extra publicado dia 19 de abril.



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal Extra. Disponível em <<https://extra.globo.com/capas-jornal-extra/2019-04-90-23610545.html?mesSelecionado=Abr&ano=2019>>

Catador salvou criança antes de ser fuzilado

Luciano Macedo, de 27 anos, morreu ontem, após 11 dias internado. Ele foi baleado no último dia 7, ao tentar salvar o músico Evaldo Rosa dos tiros dos militares do Exército, que responderão por mais um homicídio.

Nessa manchete do Jornal “Extra”, percebemos que a ênfase é centrada no sujeito, modalizado pela palavra substantivada “catador”. A opção pelo verbo “salvar” potencializa a ação do sujeito. Isso nos levar a crer que mais uma vez um indivíduo do bem foi atingido, foi “fuzilado”. O modalizador temporal “antes de ser fuzilado”, introduzido pelo marcador de pressuposição “antes” implícita que o mesmo catador recebeu dos militares o mesmo tratamento daqueles que estavam no carro: o “fuzilamento”.

No subtítulo, o leitor conhece a identidade desse catador, sua idade e seu destino. Seguido de uma breve narrativa dos fatos.

Tanto no título quanto no subtítulo não é especificado quem é a mulher da imagem. De toda forma, é possível captar a mensagem que se deseja passar, a partir desse elemento não verbal: ao ver a expressão séria e o caminho da lágrima, que por conseguinte acabamos relacionando ao sofrimento da mulher, e que, com certeza, traz comoção ao receptor.

Meia Hora

Figura 18: título e subtítulo do jornal Meia Hora publicado dia 19 de abril.



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal Meia Hora. Disponível em <<https://flip.meiahora.com/edicao/impressa/4982/19-04-2019.html>>

MORRE MAIS UM INOCENTE FUZILADO POR MILITARES DO EXÉRCITO

Após 11 dias internado, catador de lixo não resiste aos ferimentos. Ele levou tiros tentando salvar a vida de músico

Em “O Dia”, o enunciador destaca a ação seguida pelo sujeito, modalizado pelo adjetivo substantivado “inocente”, que, por sua vez, é modalizado pelo predicativo “fuzilado”. A manchete é contundente ao afirmar a responsabilidade de Soldados do Exército por mais uma morte.

No subtítulo, o leitor se depara com um breve resumo dos fatos, destacando o período em que a vítima ficou internada, marcada pelo modalizador adverbial temporal “após 11 dias” e modalizando o sujeito como ‘catador de lixo’.

O Dia

Figura 19: título e subtítulo do jornal O Dia publicado dia 19 de abril.



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal O Dia. Disponível em <<https://flip.odia.com.br/edicao/impressa/4988/19-04-2019.html>>

MORRE MAIS UM INOCENTE FUZILADO POR SOLDADOS DO EXÉRCITO

Alvejado por três dos 83 tiros disparados por militares, o catador de latas Luciano Macedo morreu ontem. Ele tentou ajudar o músico Evaldo Rosa, que dirigia o carro que foi alvo do ataque. Viúva de Luciano, Daiane está grávida de cinco meses.

No Jornal “O Dia” percebemos que o discurso do repórter ao noticiar o fato é bem próximo do jornal anterior, uma vez que ambos pertencem a mesma linha editorial. O que difere é a questão do público leitor, portanto é importante selecionar um vocabulário que se aproxime mais do seu público-alvo, pois dessa forma é que se contribui com o processo de interlocução e assim para a formação de opinião.

Já no subtítulo do respectivo jornal, o destaque é primeiramente à ação, seguida pelo modalizador de quantidade e da informação que difere de todas as informações vistas anteriormente, foram 83 e não 80 tiros.

Apresentam-se os autores do fuzilamento por meio de um novo verbo: alvejado – que possui uma carga semântica eufêmica, se comparado a fuzilado. Nesse segmento também percebemos uma nova informação: a gravidez da viúva.

No texto não verbal, as imagens de Luciano Macedo e da viúva são destacadas permitindo que o leitor possa conhecer as vítimas.

denota o modo como a irmã da vítima se sentia. Sucessivamente, o autor descreve a “ação do Exército”, modalizando-a como “desastrosa”.

Nessa manchete percebemos que o enunciador buscou dar maior valor a imagem, destacando-a entre os elementos verbais – o título e subtítulo apresentam-se de forma secundária fornecendo as informações necessárias para o entendimento da linguagem não verbal: é possível ver o sofrimento da irmã em sua face a partir da lágrima escorrendo, o que certamente pode gerar maior comoção aos receptores.

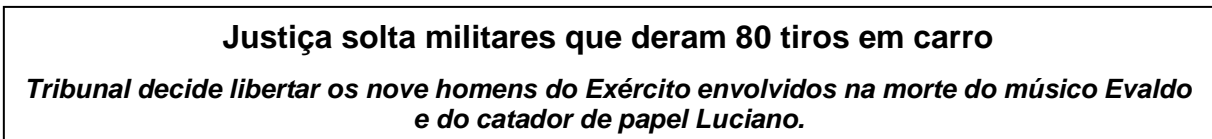
24 DE MAIO

Extra

Figura 21: título e subtítulo do jornal Extra publicado dia 24 de maio.



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal Extra. Disponível em <<https://extra.globo.com/capas-jornal-extra/2019-05-40-23689951.html?mesSelecionado=Mai&ano=2019>>



No título da manchete do jornal Extra percebemos que o enunciador enfatiza o sujeito, no caso a “justiça”, que “solta” os responsáveis pelos 80 tiros em carro. O verbo escolhido, pressupõe que os atores do “crime” estavam presos. Nesse fragmento, o enunciador pode sugerir ao leitor que houve impunidade, já que a ação dos militares vem sucedida do modalizador de quantidade “80” tiros, que indica um número bastante elevado. Apesar de não especificar se no carro havia passageiros ou de quem era o carro, o enunciador parte do pressuposto de que o leitor já tenha conhecimento do fato pelas notícias publicadas anteriormente.

No subtítulo o sujeito da ação explícito na manchete é substituído por “Tribunal”, especificando-o. A ação exposta na manchete, é seguida pelo o motivo pelo qual os militares foram presos.

Meia Hora

NÃO HOUVE NOTÍCIA PUBLICADA.

O Dia

Figura 22: título e subtítulo do jornal O Dia publicado dia 24 de maio.



Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal O Dia. Disponível em <<https://flip.odia.com.br/edicao/impressa/5181/24-05-2019.html>>

Justiça manda soltar 9 militares que fuzilaram carro

Grupo que disparou 257 tiros de fuzil e pistola e matou dois inocentes, em Guadalupe, vai responder em liberdade por homicídio qualificado, tentativa de homicídio e omissão de socorro.

O título do jornal, como na manchete anterior, apesar de pertencerem a linhas editoriais diferentes, também enfatiza a ação do sujeito (Justiça). Nesse caso, utiliza a locução verbal “manda soltar”, denotando a carga semântica de autoridade e poder.

No subtítulo apresentado na notícia, apesar de topicalizar o sujeito modalizado por “Grupo”, o repórter dá ênfase ao que foi praticado por eles por meio da inserção de uma oração adjetiva modalizadora do sujeito, que quantifica a dimensão da ação do grupo. Além disso, utilizando o conector sintático aditivo “E”, que nesse contexto possui valor de concomitância e consequência, relata o resultado do que foi afirmado na oração adjetiva. Após alguns detalhes sobre o fato, como o número de tiros, o tipo de arma utilizada, a morte de duas pessoas, estas funcionando como objeto da ação e modalizadas pela palavra substantivada “inocentes” e seguidas pelo modalizador locativo “em Guadalupe”, insere-se a forma como serão julgados e descreve por quais crimes estão sendo acusados.

O Globo

Figura 23: título e subtítulo do jornal Extra publicado dia 24 de maio.

Justiça liberta militares que fuzilaram 2 no Rio

O Superior Tribunal Militar determinou a soltura do nove militares do Exército que fizeram 257 disparos contra o carro do músico Evaldo Rosa e o catador de papel Luciano Macedo, que tentou socorrê-lo, em Guadalupe, em abril. O STM entendeu que o grupo não pode ficar preso sem condenação. PÁGINA 11

Fonte: Capa impressa digitalizada disponível no site do jornal O Globo. Disponível em <<https://acervo.oglobo.globo.com/pagina/edicaoododia.do?dia=20190524&edicao=Matutina&caderno=Primeiro+Caderno>>

Justiça liberta militares que fuzilaram 2 no Rio

O Superior Tribunal Militar determinou a soltura dos nove militares do Exército que fizeram 257 disparos contra o carro do músico Evaldo Rosa e o catador de papel Luciano Macedo, que tentou socorrê-lo, em Guadalupe, em abril. O STM entendeu que o grupo não pode ficar preso sem condenação.

Na primeira oração da manchete, o repórter destaca a ação da justiça de libertar os militares e a escolha pela forma verbal “liberta”, marca a pressuposição de que os militares estavam presos. Posteriormente, a oração subordinada adjetiva restritiva modaliza o objeto da ação do sujeito.

Já no subtítulo, como no do jornal O Dia, o enunciador relata detalhes sobre o episódio: modaliza a justiça, apresentando-a como o Superior Tribunal Militar; os militares do Exército que praticaram a ação foram modalizados pelo numeral nove, o que traz precisão ao número dos militares que estavam presos; a quantidade de tiros modaliza quantitativamente a dimensão da ação dos militares. A forma como Luciano Macedo foi morto é modalizado por meio de uma oração adjetiva explicativa, seguida dos modalizadores locativo e temporal, respectivamente, para informar o local e a data do ocorrido. Por fim, após relatar todo o fato em que se presume punição, é inserido o posicionamento do STM, o qual compreende que a prisão só é viável quando decretada culpabilidade dos atores da ação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dedicamo-nos, nesta pesquisa, a analisar os textos das manchetes a respeito do caso “80 tiros”, a fim de revelar as diferenças de abordagens e enfoque na cobertura desse fato. Observamos os recursos linguísticos utilizados por cada um dos jornais, levando em conta as estratégias argumentativas utilizadas e como o texto não verbal age como função apelativa e ratificadora dessas manchetes.

Ao longo deste trabalho, foi possível notar que a seleção lexical realizada pelo locutor-repórter-emissor revela a sua posição em relação ao que é dito, apontando para o leitor o que deve ser interpretado a respeito do fato, ou seja, argumentando e persuadindo. Tais palavras podem operar como modalizadoras, como, por exemplo, o uso da palavra “fuzilar”, pois contém em si alta carga semântica negativa e que pode, portanto, causar mais impacto do que, por exemplo, o verbo “atirar”.

Averiguamos que a partir da modalização também é possível ao jornalista a inserção de outros enunciadores, ou seja, outras vozes que constroem a heterogeneidade da notícia. Dessa forma, entendemos que o gênero discursivo notícia se caracteriza, entre outros fatores, pela utilização da polifonia enunciativa, que se trata de uma estratégia modalizadora podendo ser acentuada, algumas vezes, pelo discurso direto e, outras, atenuada pelos verbos dicendi. Além disso, a polifonia enunciativa permite ratificar uma notícia, como também opor algumas versões.

Em síntese, nas 7 publicações analisadas do jornal Extra percebemos que, com exceção de uma, optou-se por topicalizar em seus títulos os sujeitos da ação, modalizando-os como: “*Militares*”, “*Viúva*”, “*Catador*” e “*Justiça*”. A única manchete que fugiu desse padrão foi “*Protesto com ‘sangue’ nas bandeiras*”, na qual a ação foi topicalizada. Notamos ainda que, na maioria das vezes, não se apresentava o nome dos sujeitos, mas suas funções sociais. Em duas matérias houve a inserção de discurso de outro enunciador, tanto no discurso direto quanto indireto, em: “*Viúva conta que apelos foram ignorados*” e “*Bolsonaro: ‘o exército não matou ninguém’*”. A respeito dos subtítulo, o que mais nos chamou atenção foi que em apenas dois não houve a utilização de polifonia. Além disso, percebemos, nesse momento, que os enunciadores optam por apresentar os nomes das vítimas e envolvidos que estavam modalizados no título.

Ao contrário do Extra, no jornal O Dia não foi possível constatar um padrão: hora era topicalizada a ação, hora o sujeito ou resultado da ação. Em comparação aos outros, notamos que O Dia optou pelo uso frequente de seleção lexical com carga semântica negativa elevada, como a utilização do verbo “*fuzilar*”, em vez de “*atirar*”, por exemplo. No dia 11 de abril, em que ocorreu o velório da vítima fatal, o Extra preferiu noticiar o protesto que ocorreu logo em seguida, já O Dia noticiou o velório em si e, no subtítulo, é apenas mencionado esse protesto, mas não dá mais informações de como foi.

Já nas manchetes do jornal O Globo o que mais nos chamou atenção foi a seleção lexical utilizada e a opção por relatar que os militares continuariam presos, ao contrário dos jornais anteriores, em que um noticiou o protesto, outro o enterro da vítima. Notamos também manchetes exatamente iguais em “*Bolsonaro: ‘o exército não matou ninguém’*” entre os jornais Extra e O Globo, que pertencem ao mesmo Grupo. A respeito dos subtítulos, percebemos o uso recorrente de polifonia, topicalização da ação e o uso das subordinadas adjetivas como modalizadoras.

O Meia Hora, jornal que menos publicou entre o período do dia 8 a 24 de maio – foram ao todo 4 manchetes –, utilizou até uma frase de letra de música para referenciar o caso “80 tiros”. Também, dedicou uma capa inteira para reproduzir o discurso da viúva do músico por meio discurso direto e, em outros dois títulos, optou pela topicalização da ação.

De modo geral, em relação às imagens, percebemos que todas funcionaram tanto para descrever e ratificar o que foi apresentado nos título e subtítulo, quanto para impactar e mexer com os sentimentos dos leitores.

Por fim, é relevante ressaltar que a presente pesquisa de forma alguma consome todas as capacidades de análises dessas manchetes, nem a respeito do caso “80 tiros”. A partir do que foi notado com os estudos aqui realizados, pretendemos colaborar para a disseminação do pensamento de que é importante os estudos dos recursos linguísticos na escrituração dos textos jornalísticos e, assim, estimular uma produção que se ancore em um responsável estudo da língua, de modo a saber dizer o que se pretende na construção desse gênero textual.

6 REFERÊNCIAS

ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. 2000. 27 f. Monografia (bacharelado). – Universidade Federal da Paraíba, 2000.

AIRES, Thiara Maria Castilho; ROSENZWEIG, Patrícia Quitero. A identidade cultural do jornalismo chumbo grosso. **Revista Panorama**, Goiás, v. 5, n. 1, p 31 – 41, jan/dez. 2015.

AMARAL, Luís. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

AMOSSY, Ruty. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A - Revista de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, p. 129-144, nov. 2011.

_____, Ruty. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. Tradução de Adriana Zavaglia. **Filologia E Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 9, p. 121 – 126, 2007.

ANGRIMANI, Danilo Sobrinho. **Espreme que Sai Sangue**. São Paulo: Summus, 1995.

ARBEX JR, José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d..

BASTOS, Ana Flávia; LEAL, Carlos Eduardo; SANDRONI, Cícero. O Dia. **FGV CPDOC**, Rio de Janeiro, c2009. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/dia-o>> Acessado em: 5 de Outubro de 2019.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 8. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2002.

BRASLAUSKAS, Lígia; FLORESTA, Cleide; PRADO, Magaly (org). **Técnicas de reportagem e entrevista: roteiro para uma boa apuração**. v. 3, São Paulo: Saraiva, 2009.

BOTELHO, José Mario. **A ordem dos termos em português e a topicalização**. Artigo científico, Rio de Janeiro: Faculdade de letras/ UERJ e ABRAFIL, 2010.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo especializado: resgatando conceitos e práticas. In: BUENO, Wilson da Costa; SANTOS, Magali dos (organizadores). **Jornalismo Especializado no Brasil**. São Bernardo do Campo, São Paulo: Metodista, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. (Le discours politique: les masques du pouvoir). Trad. De Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

_____, Patrick. **Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional**. O trabalho da tradução. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 309-326, 2009.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. – 15. Ed. São Paulo: Ática. 2007.

_____, Adilson. **O texto Argumentativo**. São Paulo: Editora Scipione Ltda., 1994.

COELHO, Henrique; GIMENEZ, Elza. Morre catador de lixo baleado ao tentar ajudar família que foi alvo de 80 tiros do Exército no Rio. **G1**, Rio de Janeiro, 18 de abr. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/18/morre-catador-atingido-por-tiros-em-acao-do-exercito-em-guadalupe-no-rio.ghtml>> Acessado em: 5 de Outubro de 2019.

ERBOLATO, Mário. **Jornalismo Especializado**. São Paulo: Atlas, 1981.

Extra. **INFOGLOBO**. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=92>> Acesso em: 15 de out de 2019.

FARIAS, Leonara Póvoa. **O Discurso das Mídias e as Relações de Poder: o Caso Ryan Lochte**. 2018. 58 f. Monografia (Especialização). – Volta Redonda: Unifoa – Universidade Fundação Oswaldo Aranha, 2018.

FIORIN, José Luiz. Argumentação e discurso / Argumentation and discourse. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 53 – 70, Jan./Jul. 2014.

_____, José Luiz. As figuras de pensamento: estratégia do enunciador para persuadir o enunciatário. **Alfa**, São Paulo, v. 32, p. 53 – 67, 1988.

_____, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. – 8. Ed. (rev. e atualizada). São Paulo: Ática, 2007.

_____, José Luiz. Teorias dos signos. In: FIORIN, José Luiz (organizador). **Introdução a Linguística**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRANÇA, Vera. **Jornalismo e Vida Social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FREITAS, Antonio Francisco. **Análise do discurso jornalístico: um estudo de caso**. Maceió: UFA, 1999. 25 p. Dissertação. – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. **A Análise do Discurso: conceitos e aplicações**. Alfa, São Paulo, v. 29, p. 13 – 21, 1995.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem**. – 5ª Ed. – São Paulo: Cortez, 1999.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 3.ed., 2001.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: UnB, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análises de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez: 2008.

_____, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2009.

Ministro da Defesa classifica 80 tiros em músico no Rio como ‘acidente lamentável’. **Globo News**, 10 de abr. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globo-news/estudio-i/video/ministro-da-defesa-classifica-80-tiros-em-musico-no-rio-como-acidente-lamentavel-7529858.ghtml>> Acessado em: 5 de Outubro de 2019.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio D. (Orgs.). **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin do. **O discurso jornalístico**. In: PRADO, Magaly. . **Técnicas de redação e jornalismo: o texto da notícia**.

NEGREIROS, Saulo Johansson Antônio da Costa. Sensacionalismo na rádio acreana: uma análise do programa Mundo Cão. **Revista Tropos**, Acre, v. 5, n. 2, p 1-11, dez. 2016.

NÓRA, Gabriela. **Segmentação no jornalismo impresso: representação e fragmentação do real**. In: Intercom Junior 2007. Santos, 2007.

Nota do Comando Militar do Leste - Acerca dos fatos envolvendo militares do Exército que realizavam patrulhamento regular no perímetro de segurança da Vila Militar (RJ), no dia 7 de abril de 2019. **Comando Militar Do Leste**, Rio de Janeiro, 8 de abr. de 2019. Disponível em: <<http://www.cml.eb.mil.br/conteudo-do-menu-superior/32-sala-de-imprensa/1689-nota-do-comando-militar-do-leste-acerca-dos-fatos-envolvendo-militares-do-ex%C3%A9rcito-que-realizavam-patrulhamento-regular-no-er%C3%ADmetro-de-seguran%C3%A7a-da-vila-militar-rj,-no-dia-7-de-abril-de-2019.html>> Acessado em 5 de Outubro de 2019.

Nota do Comando Militar do Leste - Audiência de custódia relativa à prisão de dez militares envolvidos no incidente no último domingo. **Comando Militar do Leste**, Rio de Janeiro, 10 de abr. de 2019. Disponível em: <<http://www.cml.eb.mil.br/conteudo-do-menu-superior/32-sala-de-imprensa/1694-nota-do-comando-militar-do-leste>>

audi%C3%A0ncia-de-cust%C3%B3dia-relativa-%C3%A0-pris%C3%A3o-de-dez-militares-envolvidos-no-incidente-no-%C3%BAltimo-domingo.html> Acessado em 5 de Outubro de 2019.

O Globo. **INFOGLOBO**. Disponível em: < <https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=91>> Acesso em: 15 de out de 2019.

OSAKABE, Haqira. **Argumentação e Discurso Político**. 1ª Edição. São Paulo: Kairós Livraria e Editora LTDA, 1979.

PACHECO, Alex Rômulo. **Jornalismo Policial Responsável**. 2005. 25 f. Monografia (Especialização). – Universidade do Contestado, 2005.

PATTERSON, Thomas. Tendências do jornalismo contemporâneo: Estarão as notícias leves e o jornalismo crítico a enfraquecer a Democracia? **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 2, n. 2, p 19–47, abr. 2003.

PAULINELLI, Maysa de Pádua Teixeira. Retórica, argumentação e discurso em retrospectiva. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 391-409, maio/ago. 2014.

PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Trad. Eduardo Brandão. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (organizador). **Introdução a Linguística**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. A língua como objeto da linguística. In: FIORIN, José Luiz (organizador). **Introdução a Linguística**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

Princípios Editoriais. **GRUPO GLOBO**. Disponível em: <<https://grupoglobo.globo.com/principios-editoriais/#correcao>> Acesso em: 15 de out de 2019.

QUEIROZ, José Neto. **Jornalismo Policial: o equilíbrio das fontes na apuração da notícia**. Mossoró: UERN, 2009. 50 p. Monografia (Especialização). – Habilitação em Jornalismo, Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2009.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 253.

RODRIGUES, Ernesto. **Em cada editoria um desafio diferente**. In: CALDAS, Álvaro (Org). **DEU NO JORNAL: O Jornalismo Impresso Na Era Da Internet**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 79 – 112.

ROMÃO, Davi Mamblona Marques. **Jornalismo Policial: indústria cultural e violência**. 2013. 206 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SCHUDSON, Michael. A norma da objetividade no jornalismo americano. In: SACRAMENTO, Igor. CANTARELA, Letícia Matheus (Org.). **História da Comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

SCHWAAB, Reges Toni. Para ler de perto o jornalismo: uma abordagem por meio de dispositivos da análise do discurso. **Em questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 11-23, jan/jun 2007.

Sérgio Moro diz que morte de músico a tiros pelo Exército no Rio aparenta ser 'injustificável' e precisa ser apurada. **G1**, Rio de Janeiro, 10 de abr. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/10/lamentavelmente-esses-fatos-podem-acontecer-diz-moro-sobre-musico-morto-a-tiros-pelo-exercito-no-rio.ghtml>> Acessado em: 5 de Outubro de 2019.

SILVA, Claudia Maria Gil. Discursos de posse dos Presidentes do Supremo Tribunal Federal – Brasil, capital Brasília: uma das faces do ethos do Poder Judiciário. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

Sobre a Infoglobo. **INFOGLOBO**. Disponível em: <<https://www.info-globo.com.br/Anuncie/institucional.aspx>> Acesso em: 15 de out de 2019.

SOUZA SILVA, Rafael. **Controle Remoto de Papel**: o efeito do zapping no jornalismo impresso diário. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **O jornalismo especializado e a especialização periodística**. Ed. 5. Porto Alegre: Estudos em Comunicação, 2009. P. 115 – 133. Disponível em <<http://www.ec.ubi.pt/ec/05/html/tavares/index.html>> Acesso em: 15 de out de 2019.

VALENTIM, Renata Patricia Forain de. A Invenção do Popular: uma análise discursiva do jornal Meia Hora. **Athenea Digital**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 465-479, nov. 2016.

VARGAS, Nicolle. **Jornalismo Policial**. In: PENA, Felipe. 1000 Perguntas sobre Jornalismo. Rio de Janeiro: LTC, 2012. p. 103-110.

ZANFRA, Marco Antonio. **Manual do Repórter de Polícia**. [S.l. : s.n.], 2007, p. 73.